

ACONTECE...

LAÉ DE SOUZA



44ª EDIÇÃO

ECOARTE
EDITORA



**Projetos
de
Leitura**

Autor - Laé de Souza

ACONTECE...

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Copyright © Laé de Souza

Dados Internacionais de Controle (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de

Acontece...

Crônicas / Laé de Souza - 44ª edição - SP, SP
Editora Ecoarte, 2018

ISBN - 978-85-87588-26-5

1. Crônicas brasileiras 1. Título.

99-2007

CDD-869.935

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Século 20 - Literatura brasileira - 869.935
2. Século 20: Crônicas - Literatura brasileira - 869.935

Assessoria Editorial

G2R Comunicação

Capa

Nilza M. Spinelli

Ilustrações

Nilza M. Spinelli, Rucke e José Wilson Magalhães.

Fotografia

Nivaldo Amorim

Revisão

Professor João Alvarenga

Índice

Índice	05
Conselhos e coisas	07
Dai-nos paciência	08
Adeus, e pronto	11
Idade, barriga, rugas	13
É cada uma!	16
Boas maneiras.....	18
Doce amizade.....	19
Criança peralta	22
Supermãe.....	25
A morte	28
Já cresci	29
Criação de Deus.....	30
Médico	32
Eles crescem?.....	34
Contratempos	36
Fiador	40
Herança	42
Presentes.....	44
Coisas da Joana	46
Reflexões 1	48
Confronto de torcidas	49
Lendo o Diário de Helena.....	52
Passou, agora é paz!.....	55
Lei nova na vila	58

Fato observado por uma criança	62
Chico Pureza	64
Os filhos da dona Josefa	66
Que inveja da Rita	70
Reflexões 2	73
Momentos	74
Reencontro e êxtase	76
Reflexões 3	78
Dever social	79
Para você	81
Viagem	82
Escotismo	84
Um Natal diferente	87
O perfeccionista	90
Glossário	92
Projetos de Leitura	94
Obras do autor	95

Conselhos e coisas

Lógico que todos conhecem aquele adágio popular “Se conselho fosse bom, seria vendido.” Outros dizem “Não seria de graça.” Conselho, bem sabe o caro amigo, é um parecer ou opinião que se emite, admoestação, aviso. Evidentemente, poderá ser seguido ou desprezado. Com isso, quero deixar claro que não caberá qualquer indenização, por parte do autor, em caso de consequências decorrentes de o leitor tê-lo seguido e que os riscos são de sua inteira responsabilidade. Aproveito para dizer que tudo aqui é fictício e ainda para fazer aquela tradicional advertência “Qualquer semelhança, é mera coincidência.”



Dai-nos paciência

Homens e mulheres, mesmo que casados, precisam viver seus espaços dentro de determinado limite. Essa delimitação deve ser imposta por si próprio e não por coação do parceiro, sob pena de trazer barreiras intransponíveis ao relacionamento. Claro que o homem gosta de se reunir com os amigos e, entre uma cerveja e outra, falar de carro, de futebol, corrida, de quando era... vangloriar-se de sua maior pescaria etc. A mulher, no seu chá ou até tomando uma dose de campari, fala de família, de moda, de sentimentos, poesia, beleza etc. Devemos, portanto, cada um permitir que o companheiro tenha os seus momentos de prazer. Confesso que não foram fáceis os últimos dias vividos com minha segunda ex-mulher, no que se refere às minhas necessidades de troca de ideias com amigos.

Ao chegar em casa às 3 horas da manhã, no maior silêncio, em respeito ao seu direito de dormir (afinal, depois das 22 horas a lei do silêncio deve ser respeitada), deparei-me com ela sentada no sofá à minha espera. Pela cara, uma fera. Dei um beijinho, ela inerte como uma múmia. Tomei banho e, quando me preparava para deitar, ela rompeu o silêncio:

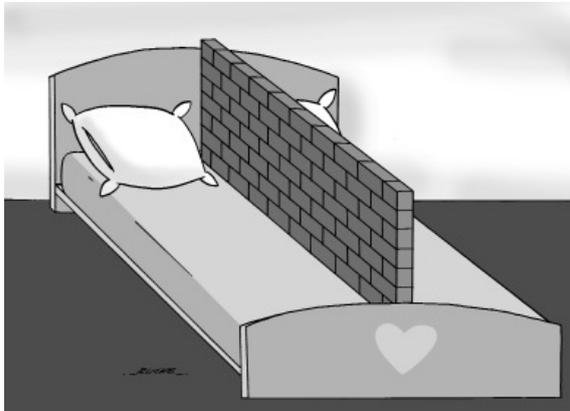
- Precisamos falar sobre o João (nosso filho).
- Não pode falar amanhã? - perguntei com voz mansa de

sono.

-É sempre assim. Quando surge algum problema, especialmente com nossos filhos, você não quer assumir. Eu tenho de ver tudo sozinha. Já estou cansada... - disse ela.

E foi por aí afora, falando, falando, até que, não obtendo respostas, parou. De falar sobre esse assunto, claro. Começou a fazer limpeza no quarto. Na verdade, ela nunca foi dada a arrumação, mas quando tinha uma briguinha, baixava o espírito de limpeza e começava a faxina. E era aquele acende luz, bate janela, porta, gaveta, abre e fecha guarda-roupa, passa pano, aqueles papos todos. Dei uma pequena resmungada, de leve. Aí, ela veio com tudo:

- Tá achando ruim, é? Então, vem ajudar que acaba logo! Pensa que minha vida é fácil?



Percebi que a coisa poderia complicar mais para mim. Peguei meu travesseiro, um lençol e fui para a sala deitar-me no sofá. Mas, nem bem comecei a cochilar, ela deu início ao serviço de faxina naquele ambiente. Imagino que devia ser para me irritar, porque ela é de uma moleza infernal para

fazer as coisas e o normal é que ainda estivesse limpando o quarto. Fui para a cama. Mas, ela ficou naquele entra e sai, pega uma coisa, outra etc. Não teve jeito. Saí do quarto, pus na vitrola um disco de Waldick Soriano, no copo uma dose de uísque e fiquei o resto da madrugada ouvindo, entre um cochilo e outro. Claro que ela, a toda hora, lembrava: - São 4 horas da manhã e os vizinhos têm direito de dormir.

Não liguei. Fui curtindo o som até às 7 horas, quando saí para trabalhar.

Adeus, e pronto

Separação é difícil, machuca e tal, mas também nada de ficar na fossa. Isolar-se, nem pensar. Tem gente que começa a mexer no guarda-roupa e pega aquelas roupas antigas para usar. Não é uma boa. Afinal, se ainda houver chance de partir para a reconquista, deve-se estar nos “trinques” para estimular o arrependimento do outro. Mesmo que não haja retorno, ela tem de estar preparada para novas paqueras, porque o mundo não acabou e sempre se pode encontrar alguém. Estão superados aqueles preconceitos, passados pela mamãe, de que a mulher deve ter um homem só por toda a vida. Também, não vá exagerar e sair galinhando. Ficar só por uns tempos é uma boa, mas tem de curtir cinema, teatro, festa, passear, divertir-se a valer. Se por acaso encontrar com ele em uma festa, nada de ficar dizendo “Se ainda me trocasse por coisa melhor...” Pega mal. Além disso, e se fosse melhor, que diferença faria? Já me disseram isso e eu, sinceramente, achei que a troca foi melhor. Portanto, o que se deve fazer é cumprimentar, numa boa, e procurar curtir o momento com quem estiver. Lembre-se de que não é nenhuma vergonha estar sem namorado. Mas, sempre existe a chance de conseguir outro. Está certo que você não é nenhuma Vera Fischer, mas também não vai querer namorar nenhum Felipe Camargo, não é? Por outro lado, não corre o risco de sair por aí com o braço quebrado e dando aquele

show ou de ser “convidada” a se retirar da novela.

E tem outra, se estiver de namorado novo, nada de ficar naquela “Ai que saudade dele”, “Acho que vou morrer”, “Não confio mais em homem nenhum”, é meio chato e cafona. E homem nenhum vai querer dar seu ombro para você ficar chorando por outro. Também, nos primeiros meses, evite aquelas lamúrias de dores na coluna, reumatismo, enxaqueca... segure firme. Nos restaurantes, procure não comer demais e sempre se ofereça para dividir as despesas. E, uma vez ou outra, pague mesmo. Só que fique atenta para não ser explorada, porque tem gente que se aproveita desses momentos.

E os filhos. A minha ex-mulher, sempre que me via com uma namorada, procurava infernizar meu fim de semana. Se fosse prolongado, principalmente. Antes ligava, claro:

- Você tem algum programa para o fim de semana?

- Tenho um compromisso, sim - respondia na maior inocência e, também, pelo medo de que ela me convidasse para fazer algo juntos.

- Acho bom que inclua os seus filhos nesse passeio porque eu também tenho e não vou poder levá-los.

Não adiantava discutir. Meia hora depois, tocava a buzina na porta de casa e deixava os coitados na calçada. Uma loucura! Nas primeiras vezes, eu recorria aos amigos. Depois, quando senti que a cara dos amigos já não era lá de muito amigos, comecei a me socorrer com uma família que cuidava deles mediante pagamento. Mas, ela sempre achava ruim.

- Meus filhos, com estranhos? Eu me sacrifico e você não... realmente, é muito difícil.

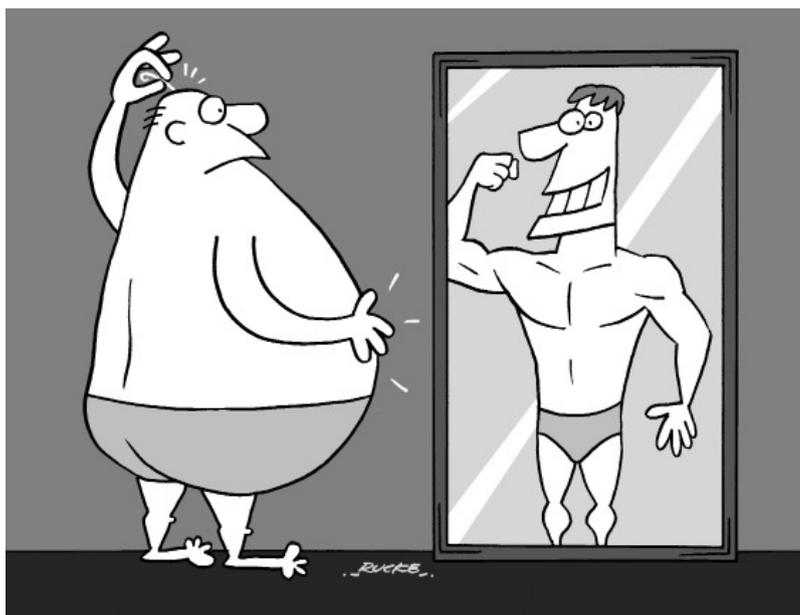
E criança quando serve de estopim... sofre. Via de regra, a guarda é da mulher, porém, a responsabilidade ainda é do casal, que deve cuidar para magoar os filhos o mínimo possível.

Idade, barriga, rugas...

A natureza é sábia e faz as coisas ocorrerem paulatinamente, para que não se sinta ou se assuste. Mas, é fatal que, de vez em quando, a gente olhe as fotos antigas e, diante do espelho, veja que já não é como antes. Todavia, nada de abatimento. Pense que é melhor assim do que ter morrido jovem. Também não é por isso que vai se abandonar e deixar o tempo destruir a beleza. Tem pessoas acima de 50, 60... paqueráveis e agradáveis de se ter como companhia. Existem exemplos de criatividade acima dos 70. De uniões, também, após esta idade. Com 70 anos de idade, a violeira Helena Meirelles lançou um CD; diz-se que se casou com uma jovem de 16 anos e foi pai aos 85, o itabunense Ferreira; Rachel de Queiroz continuou escrevendo após os 80 anos; Maria Clara Machado, autora de "Pluft, o Fantasminha", "O Cavalinho Azul" e outros, com 74 anos, ainda ministrava aulas de teatro; Oscar Niemeyer, aos 100 anos, mantém-se na ativa e cria projetos arquitetônicos; meu amigo Souza, com mais de 80 anos, ainda escrevendo na Gazeta do Tatuapé; o mestre, poeta Luís Cotrim, com seus 89 anos, criando lindas crônicas e passeando na noite.

Não custa perder algumas horas para se cuidar. Exercício,

aquele trato. Mas, também, não vamos chegar ao exagero de recusar convites para um churrasco só para manter a forma. De vez em quando, há de se permitir uma extravagância. Uma pintura, um batom e uma ajeitada no cabelo sempre dão aquele charme no visual. Mas, nada de exagero. Cada tipo no momento e lugar adequados. Pendurar um par de patins na orelha só para chamar a atenção fica meio sem graça. Lógico que tem gente que fica bem. Mas, aí é exceção. Tem gente que percebe que aquela coisa não era para aquela pessoa, ou aquela pessoa não era para aquela coisa. Sempre tem uma amiga ou amigo que dá um palpite ou responde com sinceridade se ficou bem, ou não. Mas, você tem de tomar cuidado com aquela que sempre fala que está bem,



ótimo, ou, então, que está horrível.

De qualquer forma, nada de sair por aí desarrumada só

porque está de mal com a vida. Ah! tem momentos em que estar simples de tudo também é charme. Outra coisa, se encontrar aquela colega de ginásio, nada de vir com “Nossa, como você está acabada.” Primeiro, porque a fulana sabe muito bem disso, não precisa ficar lembrando. Segundo, porque é antissocial. A não ser que seja você daquelas pessoas que gostam de se divertir com o sofrimento dos outros, ou que a tal seja aquela que esnobava com a sua beleza e sempre era eleita a miss da cidade e a rainha da primavera no ginásio.

Também, se cruzar com um amigo ou amiga acompanhados de um jovem, nada de vir com elogios do tipo "Seu filho, ou sua filha, é muito bonito(a)", antes de ter certeza absoluta de que não se trata de um namorado ou namorada. Esse negócio de que amor não tem idade não é papo furado, não. Acontece mesmo!

É cada uma!

À gente chata e intrigante, todos nós estamos sujeitos. Seja companheiro de serviço, colega de escola, cliente, fornecedor, patrão, superior ou subordinado, até mulher ou marido. Tem de todos os tipos: o que nunca está contente, o emburrado, o gozador, o "Eu sempre estou certo", o cara fechada, o "bom", a empinada, o..., a... Evidente que você tem de diferenciar cada um e saber quando deve mudar seu comportamento ou até dar uma chamadinha.

Por exemplo, tem uns que gostam de repreender: - Pô, de novo? Já falei mais de mil vezes e você não toma jeito! Que esta seja a última vez! - Você concorda, diz que não vai fazer mais, que vai tomar cuidado, aquela conversa toda. Só que se você não errar de novo, o cara vai ficar frustrado. Se não tiver motivo, como é que fica? Afinal, a gente deve tentar fazer os outros felizes.

Mas, isso é percepção. Nem todos são iguais e os motivos são diferentes. Tem o(a) que sai de casa brigado com o marido (a mulher) e, nas primeiras duas horas, é um horror. No entanto, vai passando e, no final do dia, já está bem tolerável. Há os que ficam o dia todo de mau humor. Tem também aquela pessoa que gosta de chamar a sua atenção na frente de todo mundo. Se quer explicar alguma coisa, espera juntar gente e fala bem alto para mostrar que sabe e tal. Não esquentar não, geralmente, ela já é manjada pelo pessoal.

Nem precisa corar. Afinal, se não fosse você colaborar, como é que ela ficaria? Existem, também, aquelas: - Como sou sua amiga, tenho o dever de lhe falar: seu corte de cabelo ficou horrível. - E você percebe uma ponta de prazer. Dá uma vontade de responder umas verdades. Primeiro, é muita ousadia oferecer-se como amiga. Segundo, você não perguntou nada. Terceiro, você achou que ficou legal ou até mesmo detestou, mas não tem jeito de emendar; e quarto, a fulana nunca se olhou no espelho dos pés à cabeça. Porém, é bom manter o nível, senão fica pior.



Boas maneiras

Ser amável não custa nada e pode até trazer bons resultados. Existem pessoas a quem, decerto, indicaríamos com o maior prazer um curso de boas maneiras e de como se relacionar com os outros. Não que se chegue ao exagero de querer bajulação constante. No entanto não dispensam o mínimo para um tratamento humano, principalmente àqueles que estão em situações inferiores em determinados momentos.

Está certo que, em algumas circunstâncias, é pedir demais manter a calma, todavia, deve-se tentar ser o mais polido possível. Já pensou que charmoso seria você ser assaltado e falar para o assaltante: - O senhor está esquecendo de levar este anel de brilhantes que estava guardado no fundo da minha bolsa. - Ou, então, o delegado, educadamente, dirigir-se ao ladrão: - Dê-me o seu braço, por gentileza, para que eu retire suas algemas. Sinto muito, mas foi flagrante e sou obrigado a mantê-lo em cárcere. Porém, fique tranquilo, que vou colocá-lo numa cela confortável, onde o senhor não sofrerá qualquer constrangimento. - Com certeza, ele agradeceria, podendo até se esperar que dissesse: - Senhor Delegado, pela sua gentileza, em retribuição para demonstrar que, também, sou fino vou confessar-lhe um 155, um 157, um 171 e até um 121 qualificado (artigos do Código Penal correspondentes a furto, roubo, estelionato e homicídio, respectivamente).

Doce amizade

Amigas, todo mundo precisa ter. Para fofocar, contar coisas boas e ruins que aconteceram conosco, aconselhar, ouvir. Mas, têm umas e outras que “não é fácil.” Tem a prestativa demais, que está sempre junto, mesmo quando não era para estar, e não se toca nem com umas diretas. Aquela que parece que adivinha nossos pensamentos. Começou a dar sede, ela já está com o copo d’água na mão, servindo com a maior delicadeza. Um amor! Só que têm horas que irrita tanta serventia.

Tem a otimista demais. Aquela que, qualquer plano que você conta, ela tem certeza que vai dar certo e começa a fantasiar com seu sonho. Também tem a pessimista que te deixa no maior baixo astral. Não adianta falar de pormenores que serão utilizados para chegar ao seu objetivo que, mesmo assim, ela torce o nariz e diz que não vai dar certo mesmo. Essas duas precisam estar sempre juntas para que se chegue a uma média ideal. Se ouvir só uma, decerto você estará numa fria. Tem, ainda, aquela sua amiga que mora lá não sei onde, que aparece em sua casa e fica alguns dias como se estivesse de férias. E você trabalha, sua empregada trabalha e ela, numa boa, assistindo a filmes alugados na locadora em seu nome. Está certo que ela conta os melhores para você, mas não é a mesma coisa. Esta, pelo menos, é melhor do que aquela antiga amiga do interior que ligou pedindo para

ficar uns dias em sua casa, a fim de resolver um problema. Alojou-se, sem a menor discricção e nunca esteve nem aí se seu marido estava em casa ou não, e colocava aqueles shortinhos minúsculos. À noite, desfilava pela casa com lingerie de cores vivas. E, cada dia, com uma diferente. Lógico, até o dia em que você resolveu dar um basta.

Existem duas maneiras de encerrar o turismo da amiga. Seja direta ou, então, dê aquela desculpa de visitar uma tia que está doente. Sente muito... Com algumas, você tem de ser rápida e não dar tempo de ela se oferecer para ficar tomando conta da casa, enquanto você está fora. Tem aquela amiga, também, que não tem jeito. Você sabe que está sendo enrolada por ela, mas tem de se fazer de boba e engolir para ficar bem para as duas. Ela pede sempre uma coisa emprestada. Uma blusa para uma festa de aniversário a que foi convidada e dá certinho para usar com a saia dela, azul de bolinhas. Vem com aquele papo de que, passou a festa, pode contar que ela devolve, lavadinha, passadinha. Você olha, pela última vez, a blusa e “empresta”. Daí para frente, sempre tem uma desculpa. Esqueceu, veio direto do serviço, saiu de casa com ela, mas passou na casa da tia e esqueceu o pacote. Até que, um dia, daqueles em que você quer pagar um favor que ela lhe fez, fala que não precisa se preocupar e que é presente seu para ela. Mas, quando chega nessa hora, certamente, que há outras coisas que já foram “emprestadas”. Existem algumas amigas que são tão esquecidas, que se apresentam em sua casa com a roupa que lhe foi emprestada e, na maior, não estão nem aí. Mas, não vamos exagerar, porque há algumas peças que são devolvidas. Tem uma coisa: geralmente, essa amiga, quando você precisa dela, está sempre pronta para servir sem medir sacrifícios.

Tem aquele que aparece em casa e, mesmo você não estando, num dia quente, toma a última cerveja e ainda manda avisar que foi ele quem tomou. Pede o carro emprestado e devolve

com atraso, sem pedir desculpas e, ainda, com o tanque seco. O que empresta dinheiro e nunca mais toca no assunto. E você, lógico, fica constrangido de cobrar.

Porém, isso tudo é exceção porque, geralmente, amigos e amigas sempre trazem coisas boas. A gente aprende, capta tranquilidade e bons fluidos. Uma coisa é certa: de um amigo a gente sempre precisa. Seja homem ou mulher. E ainda: homem pode ter amizade com mulher e vice-versa, sem segundas intenções, numa boa.



Criança peralta

Você sempre vai cruzar com uma criança peralta na sua vida! Pode ser sobrinho, primo, afilhado, filho da vizinha ou mesmo o seu filho. Só que este, raramente, você vai reconhecer que é levado. Não que você seja do tipo que acha que seu filho é santo e não abre mão. Mas, é que o cotidiano acostuma e faz você deixar de perceber que o moleque chega ao extremo. Até aí, tudo bem. Agora, se é dos outros, a coisa é chata. Se é filho de uma amiga e, daqueles que chegam em casa pulando no sofá, chutando bola dentro de casa, que batem portas, invadem o quarto dos seus filhos, na maior, mexendo em todos os brinquedos e sem o menor cuidado, fazendo a maior barulheira, o jeito é você grudar nele o tempo todo.

Todavia, tem de ficar atenta mesmo porque, num desvio qualquer, ele apronta. E a mamãe fica naquela “Filhinho”, “Não sei o que deu nele hoje”, “Marquinhos, a mamãe já falou”, “Quer levar umas palmadas, é?”, palavras que tanto ela quanto você sabem que não resolvem nada. E, naquele passeio ao “Playcenter” que ele já entrou correndo e você atrás para que ele não se perdesse? Ele, sem querer perder tempo, correndo de um brinquedo para outro, cortando fila, empurrando, aquela loucura, até que caiu e ganhou um galo na cabeça. Mas, mesmo assim, ele continuou firme,

sem esmorecer. E aquela ida com a mãe ao supermercado, em que ele trocava os produtos nas gôndolas, corria aos gritos com o carrinho, atropelando e até derrubando aquela velhinha? A mãe aos gritos de "Para Marquinho, para" e, já não aguentando, agarrou o moleque e, aos solavancos, soltou aquele "Já falei pra você parar, seu safado..." e precisou da



interferência do gerente para que a coisa não ficasse feia mesmo.

Bem, querida, se a mãe é daquelas que acham tudo normal, que o filho não tem nada de endiabrado, o jeito é dar aquelas desculpas costumeiras: Não vou estar em casa; preciso ir ao médico; estou com uma tia muito doente e ela não pode ouvir "barulho"; vou viajar etc. Agora, se é das que concordam que o menino é um "trem" mesmo, você deve ajudar ou, pelo menos, tentar. Minha tia Cremilda, que conhece bem do assunto, foi logo falando para uma amiga:

- Psicólogo, nem pensar. Porque, primeiro vai a criança

um tempão, depois chama a mãe, depois é o pai, a tia; no final, a família quase toda fazendo análise para descobrir de onde provém a revolta do garoto. Há situações em que se precisou chamar até os padrinhos. Esses casos, na verdade, se resolvem de forma mais doméstica. Primeiro, tenta-se com uma benzedeira. Mas, dependendo do estado, tem de ser uma das boas. E você deve seguir direitinho, fazendo todos os chás, misturando todas as ervas e levá-lo para ser benzido por sete dias.

Certamente, ela vai indicar, também, mastruz amassado misturado com leite. Só que você precisa procurar aquele bem verdinho que faz efeito mais rápido. Esse, inclusive, minha tia trouxe para a tal amiga lá de Itaporanga.

Nos casos mais complicados, também mais raros, ela indica logo que o garoto seja levado a Nazaré, na Bahia, onde só existem terreiros dos bons. A mãe também pode aproveitar e fazer aquela consulta com Pai Chico, que não vai fazer mal nenhum. Outra coisa que não pode deixar de fazer é colher as fezes e mandar ao laboratório. Às vezes, é verme e, quando a bicha está agitada, a criança fica que ninguém segura. Um perigo mesmo! Agora, se nada disso resolveu, minha tia costuma cochichar no ouvido da mamãe que aplique uns tabefes ou, no mínimo, umas palmadas no travesso, que aí ele entra na linha. Porém, cuidado ao seguir este conselho porque, com esse negócio de Estatuto do Menor, você pode entrar bem.

Supermãe

Mãe merece o maior carinho. Mesmo nos momentos em que parece que está naquela fase, em que pega no pé direto. Implica com um amigo, acha que não é amizade para você (coitado), aquele papo de “Quem com porcos anda, farelo come”; que você precisa estudar mais; que, se continuar assim, vai falar com seu pai; que esse telefone sempre ocupado, quando não são os amigos é namorada e, cada dia, uma diferente, quando não liga mais de uma no mesmo dia. Uma hora é Catarina, outra é Marta, outra é Di, para esta ainda perguntou: - Como é o nome mesmo? - É Di. Pode falar que é a Di que ele sabe quem é - vê se isso é nome de gente! Liga ainda a Lu, a Tê... Assim não dá. E aquela que ligava de madrugada. - Quero falar com o Zam - e a mãe, como tonta - Minha filha, aqui não tem nenhum Zam, não - mas ela insistiu. - Tem sim, aí não é o número...? Então - foi quando ela se tocou que o Zam era o filho.

Discutindo sobre isso, avisou: - A primeira que ligar aqui vai levar um carão daqueles, que nunca mais vai querer olhar pra você - nisso, o telefone toca, ela atende e, toda solícita, pergunta quem quer falar com ele. - Um momento, querida - Atenda aqui, filhinho, é a Mi. - Tem ainda aquele papo de que a conta de telefone está vindo alta porque, lógico, se fica cinco minutos sem o telefone tocar para você, aí é você quem liga e fica um tempão e ainda com o som bem alto naquele

rock, em que a pessoa do outro lado da linha também é ligada. E aquelas batidas, na porta do banheiro, porque você quase não gosta de tomar banho, mas quando cisma, haja água!

Você deve perdoá-la, mesmo naquelas horas em que se quer curtir um *rap* novo de Gabriel o Pensador, e ela fica "Vai estudar... vai estudar..." azucrinando mesmo. Calma. O melhor é desligar um pouco e dar uma estudadinha, de leve, porque também ninguém é de ferro, né? Mas, você sabe que quem livra a sua pele, quase sempre, é ela. É ela quem intercede pedindo aumento de mesada. Com aquele jeito especial que ela tem de falar que o custo de vida está subindo que, na feira, o dinheiro não dá pra nada, vai preparando terreno até chegar no ponto de falar que não sabe como você faz com uma mesada tão defasada. "E o coitado nem reclama. Bem que o 'garoto' está merecendo um aumento." Ah! ela costuma esconder do seu pai o boletim de notas da escola, você sabe muito bem; ajuda quando você fala que aquelas professoras de Geografia, Português, Matemática e Ciências estão de marcação, por isso que as notas vieram baixas, dando o maior apoio, falando com o seu pai que viu você estudar o tempo todo e até fez umas perguntas e você respondeu todas certinhas. Diz que é perseguição das professoras mesmo. E até, se continuar assim, vai conversar com o diretor.

Quem é que lhe deu a maior força, quando você bateu com o carro do seu pai, tirando aquele racha? Jurou por tudo quanto era santo que estava junto e que você vinha dirigindo normal, em velocidade até menor do que a indicada para o local. E olha que sua mãe não é de mentiras. Quem é que vive rezando para que você, num milagre, vá bem nas provas? Quem é que fica sem dormir até você chegar das baladas? Quem é que prepara aquelas comidas que você mais gosta? Quem é que segura a bronca do papai, quando você usa aquelas roupas esdrúxulas? Quem é que intercedeu e brigou feio, quando você resolveu usar aquele brinco e seu pai veio

com aquele papo de que "Filho meu..., homem... só se sair de casa..."? Quem é que, quando seu pai fica naquela "A essa hora e ele não chega", e tal, vai toda protetora, dizendo que você avisou que ia chegar tarde e, talvez, até dormisse na casa de um amigo? E quando você chega na madrugada, ela abre a porta de fininho e lhe avisa que, qualquer coisa, você tinha avisado pra ela. (Vê em que situação você coloca a sua mãe, hem, cara?). Quem é que lhe "empresta" a grana, quando, todo mês, você já estourou a mesada? Quem é que lhe deu aquela correntinha benta para lhe proteger de tudo o que é ruim? Quem é que vai à escola, na maior surdina, falar com o diretor, quando você apronta alguma? Quem é que vai pro tanque lavar aquela camisa que você usou ontem, anteontem, a semana toda, mas está gamado nela e quer usar de novo? Quem é que lhe dá um chá com "Novalgina", quando você está com dor de cabeça? Quem é? Quem é? Tudo a mamãe, não é, gracinha? Então, dê o maior apoio quando ela também precisar. Mas, tem de se ligar e perceber que mãe quase não pede. Um beijinho inesperado e aquele "Mãe, sou ligado em você", não faz mal a ninguém e até ajuda a carregar essa barra, que não é fácil não! E tem outra, mãe também é mulher. Seja discreto, quando ela estiver no maior amasso com o seu pai.

**MÃE, VOCÊ NÃO ACHA
QUE ESTÁ SENDO
SUPERPROTETORA DEMAIS?**



A morte

Nada mais triste do que perder quem se ama. Geralmente, ela acontece aos poucos e a gente sente que pode ocorrer. Dói. Mas, dói menos do que quando vem abruptamente. De qualquer forma, todos estamos sujeitos e, portanto, devemos estar preparados. O coração sempre sem rancor. De bem com a vida e com as pessoas.

Às vezes, a semente é boa, a terra é fértil, foi bem adubada e começa a florescer, porém, a geada é intensa e poderosa... Mas, a semente pode germinar de novo... e mais forte.

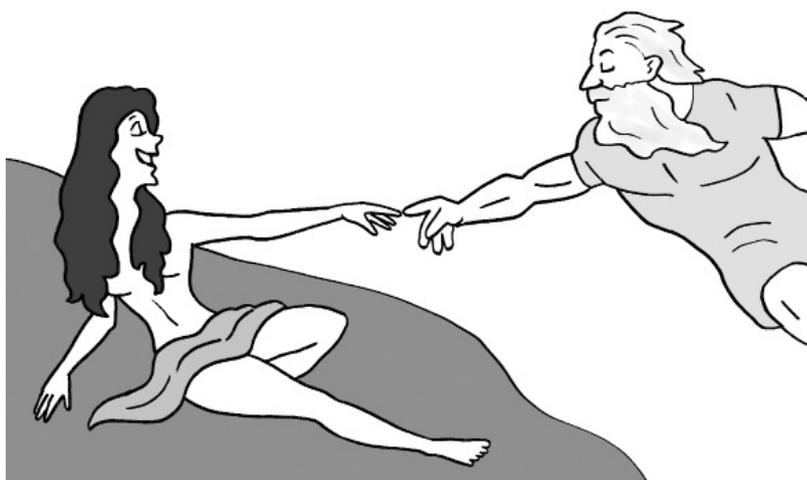
Já cresci

Se aquela tia que você não vê, faz um tempão, surge no cenário, numa visita à mamãe, e vem com aqueles papos “Nossa, como você cresceu, está uma moçona” (que novidade); “Garanto que já está namorando” (não, Pedro Bó); “Para essas espinhas, o bom é passar uma pomada de...” (não toca neste assunto, que detesto); “E, na escola, como está? Vai passar de ano?” (já não chega a bronca do papai, agora essa); “Dá um beijo aqui na tia. Sentiu minha falta?” (demais...). Controle-se, porque é por algumas horas apenas, logo ela desaparece de novo. Ah! Ela trouxe junto a enxerida da filha dela? Bom, aí pedir pra você ficar como uma santinha já é demais. Dê uma de que tem de estudar, tranque-se no quarto ou, então, diga que estava de saída e dê o fora. Agora, se a mamãe é daquelas que não aceitam comportamento antissocial, segure firme e nada de resposta malcriada, tá bom?

Criação de Deus

Mulher costuma dar umas dores de cabeça. Mas, em compensação, quem é que cuida dos deveres domésticos, dos problemas com a empregada, das roupas, da comida, arruma malas para viagem, da mamadeira dos filhos, do choro dos filhos, da escola dos filhos, do dia do pagamento do guarda, da caixinha do carteiro, do entregador de contas de luz, de água, do lixeiro? E que não tem o direito de esquecer de nada? Nem de deixar sempre, na geladeira, o doce que você gosta? Quem é que, quando você chega com o maior desgosto da vida, lhe consola ou, quando acha conveniente, fica num canto sem dizer uma só palavra? Quem é que mesmo quando você reclama, sem razão alguma, muitas vezes, compreende e não responde à altura? Quem é que sai do lar para trabalhar fora e tem, por “obrigação”, deixar tudo direitinho em casa e, ao retornar não pode, em hipótese alguma, reclamar de problemas no serviço? Fica claro que isso é direito intransferível do homem. Quem é que, quando você se queixa de uma dor qualquer, socorre com um chá ou inventa remédios caseiros, e até recorre às receitas de uma vizinha que já passou por uma situação semelhante? Quem é que se transforma de operária urbana em empregada do lar, dona de casa e mulher, numa rapidez de passe de mágica? Quem é que, muitas vezes, sem nada ser necessário falar, saca

as suas vontades? Quem é que é obrigada a ter sensibilidade de saber o momento adequado para lhe esbanjar carinho fraterno, ou ser sensual? Quem é? Quem é? Senão a mulher, essa coisa linda que, num momento de grande inspiração, foi criada por Deus. E que, não raras vezes, leva uma carga maior do que seria possível suportar.



Médico

Há gente que se orgulha de nunca ter precisado de um. Outros de já ter passado por quase todos. Mas, também, tem o mediano. Quem pode, com certeza, afirmar que nunca passou por um com problemas nos pés e recebeu remédio para estômago? Quem já não recebeu receita para uma infecção qualquer, sem que lhe tenha sido consultado se tinha problemas gástricos? Quem já não passou por um e foi aconselhado a ficar imóvel e, logo a seguir, por outro que lhe receitou exercícios? Quem já não obteve diagnósticos diferentes e teve vontade de juntar os dois médicos, um de frente para o outro e falar “Decidam, agora, o que fazer com o pobre paciente.” Quem já não teve prescrita uma Benzetacil e ficou com uma dor pior do que tinha antes? Quem já não teve uma doencinha e correu pra lá e pra cá, sem que se conseguisse descobrir e, de repente, sarou? Quem é que não começa a tomar os remédios direitinho e depois relaxa? E, quando retorna aquela coisa que já teve antes, não fuça para encontrar a receita antiga, ao invés de retornar ao médico? Aliás, quantos podem falar que já foram ao retorno? Quem já não tomou um remediozinho qualquer, receitado por uma vizinha ou amiga totalmente leiga? Quem é que, cansado de não resolver com os remédios indicados pelo médico, não fez aquela “consultinha” num terreiro? Quem é que, junto

com os remédios, não fez uma simpatia e, até hoje, tem dúvida sobre quem realmente o curou? Quem nunca pegou um médico pela frente que, em lugar de encaminhar a um especialista, tenta fazer o paciente de cobaia?



Eles crescem?

Filho muito lindo, um chuchuzinho, o dos outros porque, quando é nosso, dá uma mão-de-obra danada. Pequeninos, choram, mamam, sujam fraldas e, nos primeiros tempos, à noite, para dormir não é fácil, não. Vão crescendo (e na mesma proporção, os problemas). Um dia, foram mal na escola, outro querem ir a uma balada à noite e a gente, em plena madrugada, tem de ir buscar. Depois, já querem ir e vir sozinhos. Raras vezes, podemos levá-los, mas só se deixar numa esquina antes para que os amiguinhos não vejam. Depois, querem o carro emprestado. Aquele papo de que “O pai do meu amigo deixa, mesmo sem carta.”

Cismam de assistir ao Rock-in-Rio. Onde já se viu querer surfar, voar de asa delta, escalar montanhas ou ir para a Avenida Paulista comemorar, até alta madrugada, a vitória do time? E quando aparecem em casa com aquele amigo que você não foi com a cara? E o namoro com aquela feinha, sardenta, que não é do seu tipo? Ouvem som nas alturas. Ela namora aquele jogador fajuto de basquete que não quer saber de outra coisa. Parede cheia de pôsteres de carros envenenados, tocadores de rock e escudos de time de futebol. Pepinos mil. Que bom seria se eles se comportassem direitinho, como se fossem adultos, não?

Até parece que não fizemos as mesmas coisas. Pensando

bem, às vezes, eles são foguetes, mas nem tanto assim. De vez em quando ouvem, ficam na deles e até obedecem. E é bom que, pelo menos esporadicamente, eles decidam por si mesmos determinadas coisas, principalmente aquelas que têm muito a ver com o futuro deles. Evidente que não custa dar um “alô” sobre determinadas coisas, mas é preciso, eventualmente, deixá-los decidir. Também tem uma, se você souber levar direitinho, sem forçar a barra, não existe coisa mais carinhosa e gostosa de se ter do que um filho. Braço de ferro, só quando se esgotaram todos os recursos, tá legal? Um segredinho: numa boa, a gente consegue tudo deles.



Contratemplos

Há dias em que não se deve sair de casa. Na verdade, nem se levantar. Saí da cama não só com o pé esquerdo, mas com tudo, mão, olho, pulmão, rim, coração, tudo “às esquerdas” (como diria o saudoso Mussum). Naquela fase em que faz Sol de rachar, durante três meses, com rodízio de água e tudo, mas, no dia daquele passeio que você pagou em parcelas, especial mesmo, cai aquele toró. Você só vai para não perder a grana e junta-se àquela meia dúzia de pessoas, todas, aliás, no maior tédio. Se bem que tenho notado, ultimamente, as coisas não andam lá muito boas para o meu lado. O que me conforta é observar que tem muita gente sentindo o mesmo problema.

Para começar a encrenca, contratei alguns profissionais: primeiro, um pedreiro que atrasou em sua previsão de término da obra, em apenas seis meses, e errou na estimativa de preço de materiais em 250%. Depois, vieram o pintor, o electricista, o encanador, o serralheiro, todos uns anjinhos na hora da contratação. Depois, só Deus sabe o que passei. Bem, mas isso é destino e cada um tem de sofrer um pouco.

E aquele tormento, quando comprei a prestações um lindo aparelho de som, no sábado, para a festa de aniversário dos meus gêmeos no domingo. E olha que a compra foi antecedida de conflito de consciência. Tira verba daqui, dali,

junta tudo que vai dar, desde que consiga aquele pequeno empréstimo com um amigo.

Tudo certo. Cheguei em casa, liguei e, mesmo com aquela tradicional batidinha em cima, não funcionou. Na loja, nada de troca. “O aparelho deve ser levado na autorizada para



verificar o defeito.” Corri até lá, cheguei a tempo, mas tive de deixar o equipamento e voltar na próxima semana. Não fosse minha educação de berço, juro que quebrava tudo ali na frente do técnico. Bem, vamos tocando. A festa vai ficar com o som antigo mesmo e na base do gogó. Lembrei-me de que a quarta corda do meu violão estava arreventada. Na loja, não vendem uma só. Sem discutir, comprei o jogo completo e, já quase na hora da festança, quando abri o

pacote, percebi que, em lugar da "Ré" enveloparam uma "Lá". Revisei todas, na esperança de encontrar, mas não veio a "Ré" mesmo. Fazer o quê? É a indústria nacional concorrendo em igualdade com os importados.

Mas, também, nem sempre é assim. Hoje, o que mais me aconteceu foi aquela insistência dos garotos, no farol, para que eu comprasse rapadura (justo eu que não tenho dentes), ou flores (que não tenho a quem dar). O computador não quis funcionar. Nem quero pensar que um vírus tenha liquidado tudo e eu perdido tantas noites de divertimento desenvolvendo um programa em vão.

E aquele barulho no carro que ninguém consegue descobrir de onde provém? Meu mecânico de confiança já experimentou apertar tudo quanto é parafuso e nada de sumir. Antes, eu levava para verificar e, quando chegava na oficina, o barulho desaparecia e eu ficava com aquela cara de boboca. "Não é possível, fez ainda agora. Vamos dar outra volta, quem sabe..." e nada. "Vou acabar enlouquecendo. Ele faz assim: tlec, tlec..." O mecânico avisa que, sem ouvir, não dá para diagnosticar. Mas, ultimamente, o barulhinho está atrevido e até na frente do mecânico se manifesta. Mexe daqui, dali e nada. "Nunca vi nada igual", resmunga o mecânico. Olho na placa da oficina já envelhecida e imagino que o cara deve ter tempo no ramo, logo o meu carro tinha de ser premiado. Tem nada não. Vendo por qualquer preço para me ver livre. Dito e feito. Andar com abelha zoando no ouvido não dá.

E, quando indiquei um funileiro para fazer um serviço no carro de um amigo? Depois de pronto, meu ex-amigo reclamava sempre para mim como se eu tivesse culpa. Decerto, pensava até que eu tinha levado uma comissão pela apresentação. Para resolver de vez, propus que mandasse em outro para refazer o serviço que eu pagaria. E o pior é que ele concordou. Está certo que a culpa foi minha. Quem

mandou me meter em problema dos outros? O duro foi aguentar, durante grande tempo, a frase “Aquele teu amigo funileiro, hem?”

Evidentemente, tem uma fase que a gente atravessa, na qual deixa de acreditar por completo na sorte. Mas, o curioso é que não para de conferir os resultados, pelo menos para falar “Eu não disse?”

A matrícula das crianças na escola, por exemplo. Fiz a inscrição das quatro na mesma escola. E claro que teve excesso de interessados. Feito o sorteio... Preciso dizer o resultado? Não tem nada, não, quem mandou?

E aquela briga com a Sabesp? Um vai-e-vem sem solução de uma conta que poucos condomínios de apartamentos conseguiam atingir. E aquele “Deve ter vazamento” me enfurecia. Onde ia tanta água sem que eu percebesse?

A Eletropaulo, quando era ainda *Light*, também já aprontou comigo. E a Telefônica, difícil resolver aquelas ligações fantasmas. Por mais que explicasse que moro sozinho, não converso com vizinhos, não empresto meu aparelho. Como explicar aqueles interurbanos até para o exterior, disque Xuxa, disque amizade, disque horóscopo? E até apareceu um disque sexo. Que sufoco, meu Deus, para esconder aquela conta! Já pensou se cai na mão do pastor ou, então, no conhecimento de um daqueles meus “irmãos” da igreja? Sou expulso, sem direito a defesa ou, no mínimo, tenho de ser exorcizado. Está certo que a educação das atendentes é de primeira linha, mas dão cada resposta de indignar, tipo “Alguém usou. Se alguém estiver usando a linha, clandestinamente, quem deve verificar é o assinante” etc. Tudo bem. Passou.

Fiador

Situação das mais difíceis para quem pede e para quem é solicitado. Muitas amizades já se desfizeram a partir desse momento. A verdade é que, muitas vezes, dá para sentir que essa possibilidade se aproxima. Várias são as dicas: “Consegui um imóvel bom, mas preciso de um fiador”, “Sinceramente, não sei a quem recorrer” e “Arranjei uma casa perto do serviço, só falta o fiador”, “Tenho de mudar daquela casa, quando chove goteja em tudo quanto é lugar.”

Se, com essas entradas mais suaves não ocorre um oferecimento, parte-se para um pedido mais direto. Aí, é um sim ou não. Claro que, também, são várias as maneiras de abordar e a força da argumentação é de grande ajuda. Aquele papo de que “Você é o único que pode ajudar” ou “Sei que você não vai me negar um favor.” Alguns mais chegados: “Preciso que você me dê sua escritura para preparar um contrato de locação...” A partir daí, começa aquela coisa: quanto é o aluguel, por quanto tempo, condições da locação, se o valor não é alto para sua renda, se não é melhor ficar onde está por mais um pouco ou morar uns tempos com a sogra, assim economiza e dá entrada em uma casa etc. Tem alguns que de pronto já mostram uma cópia da citação da ação que ainda responde pela última fiança, última mesmo. Alguns, para se livrar do embaraço, já fizeram doação do

seu imóvel para os filhos (e não há como desfazer), outros estão com título protestado e, fatalmente, seu nome não será aprovado. Só que, nesse caso, se o valor for insignificante, o interessado pode se oferecer para resgatar o débito e, além do mais, geralmente, tem um amigo que cuida de serviços junto aos cartórios e limpa tudo fácil, fácil. Bem, mas também tem aquele que torce o nariz, mas não recusa. Entrega escritura, holerites, documentos pessoais, assina tudo e só depois, com calma, vai ler e, às vezes, mesmo sem entender nada, gela e fica intrigado com aquela cláusula de renúncia ao benefício de ordem, na forma do artigo 828, do Código Civil.

É verdade que quase sempre tudo corre certinho e pode até acontecer de o fiador, um dia passar, a ser avalista na compra de um imóvel. Mas, aí é outra história...



Herança

Uns têm a sorte de ter, outros não. Alguns torcem para tê-la logo. O fato é que nas vezes em que ocorre de se ter uma herança para receber, sempre é uma dor de cabeça. Tem gente que aproveita o momento em que a família está reunida e inicia a conversa sobre a partilha, já no velório, para ir ganhando tempo. Outros, só querem conversar a respeito depois de pelo menos um ano. Aquele papo de "O importante era..." O certo é que a lei determina que o inventário seja aberto dentro de 30 dias. Quanto mais herdeiros, mais encrenca. E, quando tem filho do herdeiro que também já é falecido, aí complica um pouquinho mais. Aquela história de um querer vender, o outro não, e ainda desconfiar que quem arranjou comprador está levando algum por fora. Uns acham que o inventariante não está nem aí com a coisa, outros vêm com aquela conversa de que o preço está muito baixo, que podem achar coisa melhor se não tiverem pressa. E alguém fala "Também pudera, é ele quem está na posse e uso do bem." De todos, o que toma a frente das coisas é quem leva mais bordoadas, geralmente de todos os lados.

Entretanto, aquela conversa de que a justiça é lenta, é séria mesmo. Assim, nem sempre a culpa é do inventariante ou do advogado. Mas, tem uma coisa, inventariante que demonstrar desinteresse pode ser substituído a pedido de outro herdeiro.

Embora o Código Civil vede a negociação de herança futura, tem gente que faz negócio já contando como certa a sua parte. E, de vez em quando, ela vem em boa hora. Agora, quando o papai, viuvão e em idade já avançada, anda às voltas com uma jovem? Mas, aqui para nós, se quem trabalhou para formar o patrimônio foi ele, o que a gente tem com isso?

Também não adianta aquele papo de “Fui eu quem sempre ajudei e cuidei dele até o fim.” Porque, na hora da divisão, é tudo por igual. Cuidar de pais, quer tenham bens a deixar ou não, é obrigação legal e moral.

Presentes

Presente de aniversário, de casamento, de noivado, de Natal, de nada, sempre é difícil. Alguns se recusam, terminantemente, a comparecer a festas para as quais foram convidados pelo fato de ter que dá-los. Uns, por não quererem abrir a mão mesmo, outros por não saberem o que dar. Perguntar ao presenteado o que quer é sempre um risco de pedir um de valor mais alto do que se pretende dar ou de ele ficar naquele “Dá o que você achar melhor” ou, então, “Dá o que você achar que eu mereço” e até de se criar a expectativa de que será presenteado com uma coisa e tanto.

E, quando dá um presente e numa rápida olhadinha no que a noiva recebeu, verifica-se que ela já fora presenteada com a tal bateadeira e ainda da mesma marca e cor ou, então, pior ainda, com uma marca um pouquinho superior? Dá aquela vontade de voltar e tal, mas não tem jeito, tem de encarar. Se a noiva for fina, pode vir com papos furados, tipo "Dois é melhor que um, vamos deixar um no sítio" ou até passa sem falar nada, mas deve-se estar preparado para enfrentar aquelas mais grossas “Por que não consultou a lista de presentes?” ou “Por que não me ligou?” ou, então, “Depois você leva e troca por outro.” Porém, nada que não se possa superar. O pior é você dar um vestido ou uma blusa e estar manchada ou rasgada, ou até com o preço.

Se bem que, conheço alguns que fazem questão de fazer de conta que esqueceram de tirar o preço só para mostrar para a presenteada a quantas andam a sua cotação. Seria uma boa ideia dar um vale-presente “até tanto”, para que o presenteado fosse à loja e escolhesse à vontade. Tem também uma coisa. Se a festa é sua, não esqueça de convidar aquelas duas amigas meio rivais e que gostam de aparecer uma para a outra. E, ainda, importantíssimo, de informar para as duas que a outra foi convidada. Agora, sem qualquer badalação, e sem dizer de quem, já recebi um beijo que valeu mais do que todos os presentes.

ADOREI O PRESENTE, AMORI



VOCÊ SÓ ESQUECEU DE TIRAR O PREÇO!



Coisas da Joana

JOANA COM O MARIDO:

Você precisava ser igual ao marido da Márcia, trata-a com o maior carinho. Acabou de lhe comprar um carro zerinho, sai com ela para passear todo fim de semana e ainda ajuda a família dela, sem qualquer reclamação...

JOANA COM OS FILHOS:

Vocês precisam mudar de comportamento. Vejam só os filhos da Martinha. Uns amores. Obedecem, cegamente, à mãe, só tiram notas boas, não vão a baladas à noite, nem reclamam de ajudá-la na limpeza da cozinha...

JOANA COM A SOGRA:

Ah, sogrinha, se não fosse você, não sei onde deixaria meus filhos para ir a este passeio. Cada vez gosto mais de você. Beijo.

JOANA COM A VIZINHA, MÁRCIA:

Meu marido é maravilhoso. Basta eu pensar em alguma coisa, parece que ele adivinha e me traz. Me beija e me faz carícias

o tempo todo.

JOANA COM A AMIGA MARTINHA:

Deus me agraciou com os filhos que tenho. Obedientes ao extremo, amorosos... Melhor impossível.

JOANA COM A AMIGA RITA:

Sogra pior do que a minha não existe. Se eu soubesse que ter filhos era essa dor de cabeça e que eles agiriam assim, jamais os teria. Só uma boba como eu mesma para aguentar um marido desses e ficar ali firme, suportando tudo calada. O homem é de uma frieza e desligamento impressionantes.

Reflexões 1

EMBORA...

a Constituição Federal, em seu artigo 5º, inciso XLII, tenha assegurado ser inafiançável o crime de racismo, ele, infelizmente, continua enraizado na mente e no coração de uma maioria.

EMBORA...

a Carta Magna tenha contemplado a criança e o adolescente, em seu artigo 227, considerando ser dever da família, da sociedade e do Estado assegurar o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar, além da obrigação de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão; observamos ocorrer crimes como o da Candelária... e continua-se matando crianças... tirando-lhes, quando não a vida, a esperança. E, lamentavelmente, uma grande parcela de pais é responsável por constrangimentos, inibição do desenvolvimento intelectual e crimes. Ainda que não possamos negar que alguns o façam inconscientemente.

Confronto de torcidas

A família do seu Januário estava numa revolta só. Também, não era para menos. O homem levou uma paulada que quase lhe arranca os miolos e aplicada por ninguém mais, ninguém menos, que Valdinho, seu filho, que bateu sem dó. A coisa se deu no estádio do Morumbi, num jogo Palmeiras x Corinthians, em meio a uma briga entre torcidas, depois de um gol duvidoso do Palmeiras, em que afirmavam os corinthianos que houve uma falta do ataque palmeirense. Valdinho, que sempre tomou a dianteira na defesa do seu time, arrastou a turma da Mancha Verde, pulando o alambrado rumo ao confronto com os Gaviões da Fiel. Depois de muita pancadaria e, já com o sangue quente, estava de frente com o seu Januário que aplicou um sopapo num palmeirense. Valdinho, sem titubear, lascou o porrete no pai que caiu sangrando e foi socorrido por policiais, sendo encaminhado ao hospital. Com a vitória palmeirense, Valdinho foi para a avenida comemorar, chegando em casa de manhã, quando encontrou aquele alvoroço e espírito de revolta na família. Todo mundo caiu de pau em cima do Valdinho, que contra-argumentou que, naquele momento do jogo, havia um confronto não entre filho e pai, que ele



muito respeitava, mas entre dois torcedores e membros de torcidas organizadas. Um da Mancha Verde e o outro da Gaviões da Fiel e que, provavelmente, se bobeasse, seria ele quem teria levado a pior.

Tio Belarmino era o mais revoltado com a coisa. A família, tradicionalmente, era corinthiana, sendo ele e o irmão Januário membros ativos da torcida, com carteirinha e tudo, com direito a participar das rodas de samba e pinga nas comemorações de vitória. Envergonhava-se de ver o sobrinho desfilar com aquela camisa verde pelas ruas, numa afronta aos seus princípios, desvirtuando toda uma tradição

da família Silva. Mas, também, conselhos dera, e muitos. Certamente, fora influência daquele amigo dele, filho de italianos e morador lá do Brás.

Colocado o problema em discussão, uns achavam que o Valdo deveria pegar suas coisas e cair fora, outros que seu Januário tinha o direito de descontar a paulada, estando ainda o infeliz vestido com a camisa oficial do Palmeiras na hora da pancada. Outros que deveria ser dada uma colher de chá ao Valdinho para continuar em casa, desde que mudasse de time. Mesmo que não quisesse torcer para o Corinthians, o que seria o certo, que torcesse para qualquer time de várzea, menos para o time do Palmeiras. Outro deu a ideia de rasgar todas as fotos que ele tem penduradas na parede do quarto e queimar as camisas e bonés. Por fim, ficou a decisão com o seu Januário, camarada de bom senso, que avaliou friamente os acontecimentos e explicou que, provavelmente em igual situação, poderia ter dado a paulada no Valdinho. Mas, para que a coisa não ficasse em branco, aplicava-lhe a justa punição de ficar proibido, o Valdinho, de vestir camisa palmeirense por dois meses, mesmo em dia de jogo, ou ainda que “aquele time” fosse campeão teria de arrancar da parede, por igual período, os escudos do time e fotos dos jogadores. De nada adiantou o pedido de Valdinho que fossem deixados de fora pelo menos o Edmundo e o Evair. Neste ponto, seu Januário foi radical, estavam suspensos, também, os dois por 60 dias, devendo ficar fechados no guarda-roupa do Valdinho. E se fossem encontrados dando sopa pela casa, seriam rasgados sem qualquer aviso.

Lendo o Diário de Helena

Estava em uma de minhas visitas às escolas, quando me deparei com uma garota escrevendo em um caderno. Perguntei-lhe se estava fazendo lições ou escrevendo um texto. Ela me respondeu que estava narrando o seu mais recente acontecimento no seu Diário. “Interessante, porque no futuro estará aí registrado uma boa parte de sua história e de pessoas que fizeram parte de sua vida”, disse-lhe. “Acabei de escrever, quer ler?”, falou-me, alertando-me que a minha leitura ficaria restrita a somente àquela e nada de folhear, lendo outras para trás. Naturalmente que fiquei curioso para ler o mais recente texto escrito no seu Diário, por uma jovem de 16 anos e aceitei.

A garota era cuidadosa pelo jeito, pois o Diário estava bem encadernado e nas páginas escritas, continham ilustrações e florezinhas decorando-as lindamente. Bem, mas o que nos interessa é o que estava escrito no Diário da garota que se chamava Helena.

“Querido Diário, aqui já escrevi que não vou muito bem em Ciências e, por coincidência, apresentado por uma amiga, estou em namoro há mais de um mês com o sobrinho da professora. Já te falei que o flerte não aconteceu por interesse, mas por que não aproveitar da situação e melhorar a minha nota na matéria? A professora é metódica e sempre traz as questões elaboradas, impressa, que na hora transcreve para a lousa. Ela faz questão de anunciar, dias antes da prova, como a querer nos

amedrontar, que as questões já estão prontas e guardadas para o dia do exame.

Com tudo isso, foi que resolvi pedir ao meu namorado que, sorrateiramente, desse um jeito de copiar as tais questões o que seria a minha salvação para não repetir de ano.

Uma semana antes da prova, ele tirou uma foto das questões, com o seu celular e me enviou. Acredita que já estavam com as respostas? Nem trabalho de pesquisar para responder eu teria. Maravilha!!!

Virava e mexia, eu olhava, mesmo sem precisar, pois, as respostas já estavam decoradas. Sabe que tive uma grande vontade e foi difícil resistir a não passar as respostas para uma colega de classe, muito minha amiga e que também não está lá muito bem? A Lucinha, aquela que você bem conhece de outras histórias, meu querido Diário.

Bem, chegou o dia da prova e eu procurava ficar tranquila. ‘Vou responder lentamente e entregar a prova bem no final do tempo para não levantar suspeitas’, pensava. Comecei a ficar nervosa, quando a professora transcreveu a primeira questão. Nada a ver com as que eu havia decorado. Quando vieram a segunda, terceira quarta e quinta questões que eu nunca vira e tampouco sabia as respostas comecei a suar frio. Não bastasse o zero que seria certo, a professora, tia do meu namorado, ficou do meu lado, com aqueles grandes óculos, olhando para a folha da minha prova em branco e para mim, com um sorriso sarcástico e eu, vermelha de raiva e vergonha. Foi um horror, meu querido Diário. Ficava pensando: Teria ela descoberto que o sobrinho copiou as questões ou ele lhe confidenciou sobre o ocorrido e juntos estavam a rir-se de mim? Ainda bem, meu Deus que não passei as respostas para a minha amiga! Estava eu nessa agonia, quando ouvi o despertar do relógio me alertando acordar para mais um dia de aula.

Acordei, me arrumei e saí de casa com a resolução de falar com o meu namorado para esquecer aquela história de copiar



as questões da prova. Ele ficou contente com a minha decisão e me contou que não estava nada satisfeito, e estava indeciso em trair a confiança da sua tia. Agora, Diário, vou ficar uns dias sem escrever aqui porque tenho que estudar e muito, para ver se me saio bem nessa tal prova de Ciências. Vamos ver!”

Fechei cuidadosamente o Diário, entreguei e falei para a garota que achei muito legal o seu texto e lhe desejei boa sorte.

Fico a procurar um tempo para retornar à escola para saber como foi a prova da Helena. Ou talvez seja bom nem saber!

Passou, agora é paz!

Senhor Argemiro estava na mesa, às seis horas, em ponto, como sempre fazia, pronto para tomar o seu café, quando chegou Dinho, seu filho, meio escabreado, com a bandeira do PT, enrolada e com a mão atrás do corpo, como que a escondê-la.

O velho, olhou com cara enfezada, a perguntar: “De onde você está vindo a esta hora da manhã?” O rapaz respondeu: “Desculpa, pai..., estava comemorando, na Paulista... vou jogar uma água no corpo e sair correndo para o trampo”. O pai, empurrou a xícara para frente, se preparando para levantar. Antes dele esbravejar, e sentindo que a coisa iria pegar, Dinho falou, com voz mansa: “Pai, o que passou, passou, agora é paz!”.

Senhor Argemiro, estarecido, ficou a olhar para o filho, revivendo todos os momentos de brigas, xingamentos e, até, quase agressão durante a disputa da eleição presidencial.

Ele, torcendo pelo Aécio, e o filho, petista roxo, torcendo pela Dilma. Mas, sendo do PT, poderia ser qualquer um que seria o seu candidato. O próprio senhor Argemiro, em uma das brigas, gritara ao filho, “qualquer um que tiver concorrendo, que seja do PT você vota, animal”, o que quase dá encrenca e tabefes.

No quarto do filho ele não podia nem entrar, que lhe dava agonia. Eram estrelas vermelhas em todas as paredes, bandeiras penduradas no teto, um horror. Até na porta, o atrevido escreveu em letras grandes, ao lado de uma estrela



“Diretório do PT”. Não se sabe se era para importuná-lo mais ainda, ou era obsessão pelo partido mesmo. O fato era que o senhor Argemiro ao passar virava a cara para o outro lado. E em revanche, pregou uma do PSDB na porta do seu quarto, também. E o Dinho espezinhou: “O quarto é da mãe também e, tenho certeza, ela é PT”.

Lembrou-se, ainda, dos dias em que o filho ficava andando da sala para a cozinha com a bandeira vermelha tremulando, ao ponto de ele perder a cabeça e comprar, também, uma do PSDB, com o nome do Aécio, e enquanto o filho ia para a cozinha, ele vinha para a sala, também tremulando a sua bandeira.

A coisa ficou feia, mesmo, quando num dia de comício do PT, o senhor Argemiro de cabeça quente, e para azucrinar, escondeu do Dinho, a chave da casa, e saiu, deixando o filho trancado lá dentro. Quando o senhor Argemiro chegou, já tarde, a porta estava estourada e com um pano vermelho pendurado. O moleque, pelo celular, chamou uns amigos, que estouraram a porta. Foi ao tal comício, não sem antes deixar um cartaz bem

grande, fixado na parede “Ninguém segura o PT”.

A mãe, do Dinho, mulher do senhor Argemiro, coitada, ficava no meio. Azuretada, com um de frente para outro a perguntar-lhe quem seria o seu candidato, respondia, com as mãos na cabeça, que a deixassem em paz, e que o seu voto seria nulo.

Agora, vem com essa coisa, de “passou, passou, agora é paz?”. Pensou, pensou, e devagarinho se aproximou do filho. Abraçou-o a dizer-lhe: Tudo bem, Dinho, é paz por uns quatro anos.

Lei nova na vila

Parece que não, mas tem determinadas leis que trazem consequências e alguns tentam aplicá-las a todo custo. Bom, gente tem de tudo quanto é tipo.

O antigo Bar do Magrão, adquirido pelo seu Maneco, que derrubou uma parede e ampliou o estabelecimento, colocando umas mesas e até uma caixa de som, ficou fechado por uma semana sob protestos dos clientes e reabriu de cara nova e com uma faixa bem grande “*Sob Nova Direção*”. Seu Maneco, que veio de outro bairro, entrou em negociação com o Magrão, que queria incluir, no negócio, os débitos pendentes e que o seu Maneco ficasse encarregado de receber e ficar com os valores. O comprador estava quase concordando, mas ao vistoriar o caderno de fiados percebeu que muitos dos valores eram em cruzeiros, cruzeiros reais, cruzados, coisa velha mesmo. Pulou fora. Negócio fechado sem os fiados, o Magrão rasgou o caderno na hora, anistiando todos os devedores.

Seu Maneco, que já tinha trabalhado em restaurantes pelos lados da Liberdade, tratou de meter aviso em tudo quanto era parede para informar aos clientes das novas normas da casa e, ainda, para seguir normas legais. Como iniciante no comércio, estava perplexo com o número de leis e exigências para que pudesse funcionar tranquilamente o

seu estabelecimento. Assim, fixou uma placa convidando os clientes a visitar sua cozinha, de certa forma até desnecessária, visto que bastava que se desse uma olhadela pelo vitrô do lado do banheiro para que se visse que, embora pintada de nova, se fazia necessária uma boa limpeza. Mas, há de se concordar, muito gentil o convite. Fixou outra placa esclarecendo que, a partir daquela data, não venderia isqueiros a menores de 18 anos, pois não queria correr o risco de ver seus produtos apreendidos ou interditado o seu estabelecimento. De nada adiantou a garantia do Frigo de que ninguém se atreveria a fechar o seu estabelecimento e que ele daria proteção. Também ciente da existência de uma lei que proíbe fumar em estabelecimentos comerciais e, na dúvida se estaria enquadrado ou não, resolveu se resguardar e colocar uma placa, também proibindo fumar dentro do seu bar. Colocou ainda uma outra placa de “Este Estabelecimento está Obrigado a Emitir e Fornecer Nota Fiscal - Peça a Sua.” e aquela tradicional “Fiado só para maiores de 90 anos acompanhados dos pais.” Fora alertado de que surgira uma nova lei obrigando a ser impresso, nas garrafas, a inscrição de que o álcool pode causar dependência e, em excesso, é prejudicial à saúde. Em seu juízo, nos bares, podia ser que a inscrição se estendesse aos copos. Pendurou ainda uma placa num cantinho "Esta casa respeita a lei do silêncio, especialmente o noturno."

Já, no primeiro, dia foram desrespeitadas diversas regras da casa, mesmo a contragosto do seu proprietário. O filho do Pé de Cabra insistiu com o seu Maneco que era filho do Pé de Cabra e que fora ele quem lhe mandara buscar o isqueiro. Retrucou que não venderia de jeito nenhum, apontando a placa. Só mudou de ideia, quando o garoto retornou com seu corpulento pai que foi logo avisando ao distinto que não gostou nada de ter de levantar para vir até aquela espelunca. E de uma vez por todas, avisava que para

o seu filho vendesse até pinga e que não ficaria nada bem nova recusa. À noite, foi uma cantoria até de madrugada, com pandeiro e tudo, rolando cerveja, pinga e fumaça. E a listona de fiados crescendo. Seu Maneco não se via encorajado a fazer qualquer coisa. Passada uma semana, o homem já enfezado, mandou fazer uma faixa bem grande e colocou na frente do bar “Aqui, agora, lei é lei”. Armou-se de um revólver na cinta, carregado até a boca. E o bar ficava às moscas, até que Gildão resolveu:

- Vou beber, fumar, bater pandeiro e as despesas vai tudo pra minha conta, senão vai ter morte.



Dito e feito. Tiros e mais tiros e se espalha a notícia de que o seu Maneco fuzilou o freguês. Uma turma, já pensando em retomar o crédito no boteco, vem no maior alarde com a faixa, feita às pressas, parabenizando o seu Maneco, quando pelo caminho fica sabendo que, na verdade, foi ele quem virou peneira. Rasga, rapidamente, a faixa improvisada e corre ao bar para tomar pinga de graça. Magrão, como tinha

umas parcelas da venda a receber, rescinde, unilateralmente, o contrato de venda e reassume o bar. Retira todas as placas colocadas pelo antecessor e coloca uma bem visível sobre a geladeira QUEM FAZ A LEI AQUI É NÓIS e mete lá fora bem grande:

DE NOVO SOBRE A DIREÇÃO DO MAGRÃO

Fato observado por uma criança

Os filhos de Orlando brincavam com uma bola e ele olhava os patos nadando no lago. Chega Tico com o seu sobrinho de quatro anos e alguns amigos. De vez em quando, ele saía a levar o guri para algum passeio. Sentam e observam a brincadeira. Tico levanta-se, sem nada falar, pega a bola e entrega ao seu sobrinho, que a segura feliz da vida. O filho de Orlando corre para pedir ajuda ao pai. Orlando vai e, num gesto de coragem, dirige a palavra a Tico:

- Companheiro, a bola é do meu filho - ao que Tico responde:

- Companheiro não, que não sou sindicalista, nem tenho amigo bacana. Depois tem outra, gente boa, não vai querer ver meu sobrinho chorar, né?

Orlando olha em volta, vê os amigos do Tico. Um com cara feia, já fala bem alto “Se fizer sobrinho de amigo meu chorar, é como se fizesse o meu.” Orlando sente vontade de voar na garganta do Tico e já se vê morto. Sente vontade de tomar a bola do garoto, mas o imagina chorando e seus filhos, também, numa dor de perda. Sentindo-se impotente, morde os lábios até sentir gosto de sangue. Afasta-se, lentamente,

para demonstrar que não tem medo. Pega na mão do filho e, baixinho, diz-lhe:

- Vamos comprar outra que o pobre garoto precisa mais do que você.



Chico Pureza

Dr. Francisco Castro da Silva Pires Almeida. Profissional competente e disputado no mercado de trabalho dado ao seu tino e conhecimento profundo sobre técnicas de economia e administrativas. Vinte e cinco anos na área e vinte deles em uma só empresa sem que tivesse se dado ao luxo de tirar férias. A mulher e os filhos queixavam-se do seu extremo apego ao trabalho, ao que ele sempre respondia que um dia, não muito distante, certamente, gozaria o resultado de todo seu esforço. Mas, com o tempo correndo e naquela lengalenga, a mulher resolveu separar-se dele para que pudesse aproveitar um pouco da vida. Ele tentou segurar, mas não teve jeito e acabou concordando que realmente era o melhor para todos. Assim, no silêncio do lar, aproveitava para se dedicar um pouco mais ao trabalho de *freelance* e, às vezes, fumando vagarosamente seu cigarro, sonhava com a chegada da sua aposentadoria, quando poderia, aí sim, dedicar-se inteiramente ao lazer.

Mas, eis que eleito novo presidente do grupo acha absurdo que qualquer funcionário dentro da empresa se dedique a ela com exclusividade, sacrificando-se sem tirar férias. Não obstante tenha argumentado que era com prazer e de forma alguma sentia-se explorado, acabou cedendo e preparava-se para as férias de trinta dias. Sentiu falta da ex-mulher que, certamente, cuidaria de tudo, desde reserva de hotel até a

compra de suas roupas de banho. No fim, até que se saiu bem. Dividiu dez dias na Bahia, dez no Recife e dez no Rio de Janeiro. Tratou de efetuar as compras de roupas e, na primeira loja, quando lhe foram mostrados pela vendedora shorts e sungas, ficou a imaginar-se naqueles trajes e encontrando-se com outro diretor ou até com um cliente, na praia, o que não seria nada agradável. A verdade era uma só. Não sabia como se portar dentro daquela coisa. Assim, preferiu adquirir um bermudão de bolas amarelas e brancas, que exporia menos suas pernas branqueadas. Nos primeiros dias, visitou museus e mercados e, em plena Itapuã, enfiou-se na leitura de livros sobre economia, caderno de economia dos jornais e, vez ou outra, dava um acanhado mergulho e bebericava uma caipirinha. Já quase no fim das férias, começou a compreender por que determinadas pessoas não gostam de trabalhar. Arriscou-se a usar uma sunga e tomar um pileque legal de caipirinha, só indo para o hotel quando o sol desaparecia por completo. No final, já dava uma balançada mais ou menos, num ritmo de lambada, frevo e samba. Usava calça jeans, camisa florida e uma fita do Senhor do Bomfim no punho. A partir daí, desandou de vez. Pediu as contas e comprou uma barraca especializada em batidas, caipirinhas e venda de coco verde, estabelecida sob o nome de Chico Pureza, na praia de Copacabana. Atende seus fregueses com a ajuda do grande Bazunga que lhe dá a maior força e segura as pontas, enquanto ele dá seus mergulhos ou surfadas, ou acompanha algum freguês numa roda de samba, deixando-se embriagar. Dizem até, confidencialmente, que o Chico Pureza, de vez em quando, dá até uma reboladinha em bailes gays, mas pode ser exagero. Do seu passado tão sério, raras pessoas tiveram conhecimento, quando em alta bebedeira, numa demonstração de grande amizade, ele confia. Camarada legal, prepara a bebida sempre em dosagem e no ponto certo. E cara conhecido, com grana ou sem, não fica sem beber lá, não.

Os filhos da dona Josefa

Dona Josefa, trabalhadeira e conhecida de todo mundo do bairro de Sarataí, vivia esquentando a cabeça com seus dois filhos. Reginaldo e Mariângela, podia-se dizer, sem receio, que contribuíram, e muito, para que a velha senhora branqueasse os cabelos mais rapidamente e tomasse feições de sofrimento. A menina sempre trabalhou em casa de família, mas naquele jeitão. Trabalha dois meses, fica um sem trabalhar, quando está empregada sempre falta ao serviço. Dormir no emprego, até que concorda, mas desde que tenha livres seus fins de semana para curtir seu arrasta-pé que, normalmente, é no Luizão. Tem outra coisa, desaforo de patroa nenhuma, traz para casa não. Nisso, até que dona Josefa concorda, porque não criou filho para qualquer um vir gritando. Além disso, seus filhos sempre foram bem criados, de forma que ela põe a mão no fogo por eles, que não tocam em nada de ninguém. Podem ver ouro em pó que não estão nem aí. A única vez que aconteceu foi quando a Mari trabalhava na casa daqueles grã-finos, lá na Alameda Santos, e eles tomaram o maior pileque e não ofereceram nada para a coitada. Ela, com raiva e, provavelmente, com saudade de casa, esperou eles descerem para a piscina e tomou

todo o litro.

Para ela, acostumada a tomar pinga pura, nos seus pagodes junto com aquele namorado metido a sambista, aquela bebida, que nem ela sabia dizer direito o que era, quase não fez efeito. Também, não era motivo para a patroa ficar fura daquele jeito e mandar a menina embora na hora, sem pagar nem os direitos trabalhistas. Bem que ela mereceu o que fez a outra, com aquela cara de santa, devagarinho foi levando as coisas dela, até gravata do marido. Quando, por fim, sumiu de vez levando as joias. Para Mariângela começar a trabalhar foi a maior investigação, com folha corrida da polícia e tudo. Do último emprego, ela demitiu-se. Bom, naquele caso, também ela tinha razão. A patroa queria que ela fosse trabalhar direto, sem folga no fim do ano. E era pauleira mesmo, porque ia passar lá a parentada que vinha



do Paraná e a sogra que vinha de Itaú, MG.

Por nada, no mundo, a Mari ia deixar de assistir, como sempre fez todo ano, ao show do Roberto Carlos pela televisão, sentadona no sofá comendo pipoca e em alto som. Pior, que parece que foi praga da tal patroa, porque já tinha passado pelo programa aquela turma de sempre e, bem na hora que ele chamou “Meu amigo de fé, meu irmão camarada”, um bendito fusca bateu em um poste, acabando a luz no bairro. A coitada, que sempre chorou de emoção quando entrava o Erasmo, dessa vez chorou de raiva. Dava dó ver a menina aos soluços. Quando arrumaram a luz, já era de madrugada e a coitada ficou sem dormir, só colocando os discos do Rei na vitrola em alto volume, revendo o álbum com recortes de revistas com os melhores momentos de RC e no maior chororô. Uma das músicas que a baixinha mais tocou, naquela madrugada, foi “Mulher Pequena”, que ela acha que foi feita especialmente para ela. Também deu umas tocadãs legais naquela “Coisa Bonita” e quando chegava naquela parte que diz “Quem foi que disse que tem que ser magra pra ser formosa”, ela soluçava que dava pena. Para encurtar a conversa, estragou o fim de ano e o ano novo dela. Emprego arruma outro, mas uma coisa linda daquela, só no fim do outro ano.

O menino, menino modo de dizer, porque o Reginaldo já passou dos 22, finalmente arranjou um emprego, depois de muita reza. Tanto é que dona Josefa anda com a oração no sutiã. Deu uma folguinha, ela tira, dá aquela rezadinha rápida, pedindo ao Santíssimo que segure o emprego do Naldinho, porque a coisa não anda fácil, não. Pede também a Deus que dê vida e saúde ao seu Etelvino porque se não fosse ele...

O emprego do Reginaldo é de porteiro de um prédio, num dos tais que trabalhou a Mari, conseguido por um amigo dela

que também é porteiro lá. Passou na entrevista com o zelador, tudo certinho, só que ele tinha de ir trabalhar de paletó. Corre ao Mappim, Ducal etc., nada de conseguir ter o crédito aprovado. Já estava desistindo do tal emprego, quando surgiu aquela luz para clarear as ideias da dona Josefa. Seu Etelevino, pessoa de bom coração, sempre disposto a ajudar os outros, certamente emprestaria aquele dele. Reginaldo chiou daqui, de lá, que ia ficar grande para ele, que era muito velho, mas finalmente concordou. Foram ele e dona Josefa conversar com seu Etelevino sobre o empréstimo. Ia ser por um mês até ele receber o primeiro pagamento, tomaria o maior cuidado... Seu Etelevino foi bem claro porque não é homem de rodeios. Só emprestava porque era filho de dona Josefa, mulher de respeito e pessoa muito querida por ele. Condição, é claro, que lhe fosse devolvido às sextas-feiras para que ele pudesse usar na igreja protestante que frequentava todo fim de semana. Inclusive, já tinha convidado dona Josefa, por diversas vezes, e ela sempre respondia que não tinha tempo. Aproveitava mais aquele momento para renovar o convite e entregar uns folhetos que falavam sobre a Salvação, que ela devia ler com carinho... O certo é que, no dia seguinte, estava o Reginaldo indo trabalhar com sua calça USTOP bem passada, seu tênis novo e com o paletó preto e a gravata listrada do seu Etelevino. O que dona Josefa achou que não ficou bem, foi ele com aquela pochete amarrada na cintura. Que guardasse as coisas no bolso, seria muito melhor.

Parece que foi ontem, mas já se passou quase um ano e o Reginaldo está firme no emprego. Gostou tanto de trabalhar, o danado que, no dia da sua folga, mete um bermudão, camisa florida e vai lá pro prédio conversar com o outro porteiro de plantão. Atende até um ou outro, mas descompromissado. E sem nenhuma obrigação, vai logo avisando, porque é folga dele.

Que inveja da Rita

Na festa de aniversário do Guilherme, a Rita estava fazendo a maior inveja para as suas amigas que ali estavam. Não que estivesse mais vistosa que as outras, mas o motivo era ter recebido a graça de Deus e ter contratado, há cerca de três meses, uma doméstica de primeira linha. Dedicada, assídua, limpinha, um amor mesmo. E para cortar qualquer coisa ruim, batia na mesa três vezes. Se bem que, pessimista e estraga prazer, a dona Dijanira dizia que isso era só no começo, depois ela entrava no ritmo normal. Aquele velho conhecido de todas elas. Dona Dijanira, sempre informada e que conhecia a vida de todas elas, alardeava que a própria Rita já havia, por diversas vezes, sofrido nas mãos delas. Rita não discordava de que já passara maus bocados. A última, por diversas vezes, a fizera chegar atrasada no emprego e até faltar, o que lhe valeu uma advertência e, pela cara do patrão, não ficou lá muito segura, correndo o risco de ser despedida a continuar aquela situação. Mas, quê fazer? A fulana não se dava ao trabalho de telefonar que ia faltar. Dava 7h30, 8h, 9h e nada. O jeito era sair correndo com as crianças e deixar na sogra que resmungava, mas engolia. O pior era que falava com o marido e o tal entrava naquela de proteger a “mamãe” e não acreditava. Também, na frente dele, ela até se oferecia para cuidar dos netos numa boa. Mas, aí já é

outra história. Sempre a tal empregada tinha uma história diferente e a danada chegava com tamanha cara de santa que não dava para entrar de sola. Até o bendito dia em que apareceu a Amarilda. Aí, não pensou duas vezes e despediu a tal. E estava satisfeita.

Uma tal de Rosita, não faltava, mas toda segunda chegava atrasada e com uma cara de sono por conta do forró até de madrugada, de onde vinha direto para o serviço. Ela dizia “Responsabilidade é responsabilidade. Atraso, mas não falto.” Só que, naquele dia, eram copos e louças que quebravam. Chegou até a quebrar a máquina de lavar numa dessas segundas. E ainda dizia que as coisas de hoje não valiam nada. Até que o marido, acostumado a não se meter nos problemas domésticos, interferiu e deu um ultimato “Ou ela, ou eu”.

A Maria não era tão ruim, mas com aqueles seus problemas psicológicos lhe tomava um tempão danado. Um dia, eram os seus filhos que não ligavam para ela, como se isso fosse coisa do outro mundo; outro dia, era o marido que já não lhe tinha o mesmo amor de quando se casaram; outro era que trabalhava, trabalhava e nunca conseguia ter condições de se arrumar como muitas mulheres. Rita até percebia que era olhada com certa ponta de raiva pela Maria, ao que tinha de soltar aquela lábia e ainda fazer pequenas doações de suas pinturas e algum sapato que quase não usava mais. Sempre que a via chegar com aquela “cara” já sabia que iria atrasar de novo por conta de conselhos e conversas confortadoras. Qualquer dia, a continuar assim, poderia ser denunciada e processada por exercício ilegal da profissão de psicóloga. Uma outra, a Genicilda, já no primeiro dia de trabalho, apareceu-lhe com uma Bíblia debaixo do braço e cismava em fazer pregação em casa, querendo salvar todos os habitantes daquele lar do fogo do inferno. Os afazeres sempre atrasavam, mas como dizia ela “Deus é o que de mais importante nós temos, o resto tudo é secundário.” Só que,

quem tinha de pensar assim era o patrão da Rita, quando ela se atrasava por culpa da fulana. Chegou num ponto que queria proibir que o marido dela tomasse qualquer bebida alcoólica, o que ele levava na brincadeira. Até o dia em que ela, num excesso divino, quebrou todas as garrafas de bebidas que havia na casa sem se importar, inclusive, com aquele vinho que ele guardava, com o maior ciúme, por mais de dez anos. Teve também aquela tal que, ligadona em músicas de saudosismo, não deixava que as crianças ouvissem o seu rock de jeito nenhum. Era só passando os seus discos. Lógico que não ficou nem dois dias. Privar os coitados do seu som, era demais. Houve outras e outras que aprontaram poucas e boas, mas agora era diferente. A Amarilda era um amor de pessoa e, pela sua experiência, iria dar certo. A dona Dijanira no seu canto, só resmungava "Vamos ver, vamos ver..."

Reflexões 2

ENQUANTO...

policiais revistavam um negro, só faltando desnudá-lo, dois brancos tranquilamente estupravam uma garota, outros dois assaltavam, outros dois praticavam um estelionato, outros dois estavam sequestrando, outros dois passavam drogas, outros dois...



EMBORA...

tenham sido criadas diversas Delegacias da Mulher, inegavelmente, muitas mulheres se acovardam diante de mudanças radicais em suas vidas, depois de uma denúncia e continuam a sofrer constrangimentos e violação do seu direito individual.

(Somos obrigados a admitir que, às vezes, a Justiça é cega, mesmo.)

Momentos

Norma estava ali na sua frente, a dizer-se livre e pronta a satisfazer os seus desejos e vontades que estiveram sempre latentes, mas refreados até então. Surpreso pela proposta inesperada, ele fica paralisado por um instante, enquanto a mente retroage célere até o início do seu encanto por Norma. Não havia mais que três anos. A maior parte desse tempo dedicada à conquista.

A princípio, tímidos galanteios, chegando a ousadas insinuações. No começo, ela ruborizava, fingindo não entender. Recordava-se de quando ela, já mais receptiva, tomara um botão de rosa por ele ofertado, o qual parecia queimar-lhe as mãos.

Quantos riscos correram em encontros furtivos, quando ela, embora já se confessasse também embevecida de amor, em seus mais afoitos carinhos, não ia além de leves carícias nas mãos e respeitosos beijos. Norma, impotente diante desse amor, fora forte o suficiente para nunca permitir que ele ousasse possuí-la. Desejos existiam, mas eram procrastinados para novos encontros ou, nos momentos de maior lucidez, Norma dizia que só seriam possíveis, quando ela fosse livre. Certamente, aquele amor quase platônico seguiria assim por longos anos, não tivesse ela fugido sem dizer-lhe adeus, por temer ser impedida ou não ter forças para partir. E,

agora retornara. Mais madura, mais mulher, mais sensual, renunciara a todos os seus princípios por ele, dizendo-se livre e disposta a ser possuída. Impassível à sua frente, sentiu que seu rosto avermelhava, mas não teve coragem de confessar que agora flertava Rosa. Não tão bonita quanto ela, é verdade, mas comprometida e recatada como fora Norma, o que lhe trazia momentos felizes de inquietação e temor.

Norma consegue a custo reter uma lágrima. Acaricia-lhe a mão, beija fraternalmente o seu rosto e, com um suave “Adeus, amigo”, afasta-se com passos firmes.

Reencontro e êxtase

Há tantos anos não se viam.

Ele recorda-se dela com seus encantos de juventude. Corpo esguio, pele macia e cabelos soltos.

Ela lembrava dele com seu corpo atlético e cabelos negros.

E os dois mantinham a memória das loucuras de uma paixão desenfreada, de momentos de amor e prazer.

Ele, consciente de que o passar dos anos reduziu drasticamente suas forças e de que não é mais possível carregá-la nos braços, nem permitir-se ao arrebatamento de um jovem.

Ela, ainda que vaidosa, sensata a ponto de saber que o passar dos anos, impiedosamente, extirpou-lhe a sensualidade e que já não provoca mais os desejos e arrepios de outrora.

Tivessem se reencontrado ao menos 20 anos antes, certamente, que ainda teriam vivido momentos de amor ardente.

Fitam-se, veem-se decrépitos e com rugas semeadas pelos anos e, quiçá, agravadas pela saudade. Cabelos brancos e ombros arqueados.

Ela, agora que já envelhecida, tem em muito aumentada a sensibilidade atinente à mulher e percebe que é a derradeira oportunidade que lhe é dada.

Ele, ainda que já não possua mais o mesmo vigor, sente

que lhe é possível acariciar-lhe o rosto, afagar-lhe os cabelos, dar-lhe um beijo carinhoso.

E a velhice não lhes tirou a ousadia.

Tão velha é a rocha e tão velho é o mar, nem por isso ele deixa de formar ondas para ir beijá-la.

Dão-se as mãos sob um céu estrelado e caminham vagarosamente. E, neste instante, numa outra etapa de evolução, buscam o êxtase, só compreendido e atingido por quem sempre amou.

Reflexões 3

INEGAVELMENTE...

a leitura não é um hábito bem difundido e utilizado pelo povo brasileiro. E, com tristeza, observamos o livro, por vezes, ser apresentado como símbolo de “status”, sendo adquirido para ser exibido como objeto de adorno em salas, com o destino de jamais ser lido, selado em suas folhas.

INEGAVELMENTE...

a censura foi um grande mal à nação. Sem dúvida, perdemos obras e artistas desiludidos e delimitados em sua criação. Para sorte nossa, restaram alguns abnegados que resistiram à opressão.

INEGAVELMENTE...

os professores nunca foram tratados com o devido respeito e com a importância que têm no contexto e na preparação dos indivíduos. Indivíduos esses que, num futuro não muito distante, já devidamente instruídos, deixarão de lhes dar o merecido valor.

Dever social

O homem, no decorrer de sua existência, satisfeitas as suas necessidades básicas, percorre um caminho em busca de satisfazer desejos outros que, via de regra, são atingidos por meio do dinheiro. Assim, uma parcela já mais restrita de indivíduos irá adquirir joias que, na maior parte do tempo, estarão em cofres, relógios que serão exibidos sob risco de vida, carros em que poderão desfilarem, tranquilamente, só quando protegidos por seguranças, quadros que serão admirados apenas por quem entende ou adquiridos não pela sua expressão artística, mas pela exibição do seu valor. Poderão até ter praias particulares, iates e dar-se ao luxo de banhar-se com o melhor champanhe. Cercar-se-ão de grades e guardas. Poderão presentear os filhos com Mercedes, fazê-los estudar nas melhores escolas e propiciar-lhes estágios no exterior. Com certeza, seus bens passarão para outras gerações. Alguns poderão, se assim quiserem, entender-se como eternos e imunes à morte.

Nada mais justo do que gozarem as vantagens que poderão advir da riqueza, se foram agraciados.

Todavia, em seu próprio benefício, pela segurança dos seus bens e até da sua vida, é mister que se observe que, por outro lado, existe uma camada menos privilegiada e que, quanto menos vier a ser, sofrerá desvios de conduta, por menores condições de absorver e reter informações na formação do seu

caráter. Evidente que os tempos são outros, que os miseráveis têm conhecimento da existência de prazeres que jamais serão por eles vividos e deve-se dar-lhes a oportunidade de ter esperança de atingir alguns, menores, para que não lhes ocorra o desespero. O homem com fome e sem esperança, só Deus sabe onde chegará. Assim, determinadas necessidades sociais não devem ficar apenas sob a responsabilidade do Estado, devendo ser compartilhadas pelos cidadãos que possuem recursos. Não se exigindo que seja benevolente por espírito altruísta, mas sim, para que seja reduzido o seu grau de risco. Àqueles mais gananciosos, cabe aos seus assessores dar-lhes o alerta do risco de perder sua fonte de riqueza e das benesses, ao ajudar a formar uma sociedade melhor, seja por conta própria ou por meio do pagamento dos seus impostos de forma mais correta, deixando ao Estado o encargo de distribuir na forma que lhe aprouver. Não cessando, entretanto, sua responsabilidade de fiscalizar se os recursos são aplicados com seriedade e justiça.

Publicado em 08/01/95
Gazeta do Tatuapé



Para você

PATRÍCIA

(Nos seus quinze anos)

FÁBIO

(Nos seus dezoito anos)

Patrícia. Tudo corre no seu próprio tempo. É gratificante ver você crescendo, crescendo, desabrochando e ficando cada vez mais linda e amável.

Não tenha pressa. Procure viver intensamente e de forma saudável a sua adolescência.

Procure nunca reter ódio ou rancor em seu coração. Que seus amigos nunca sejam vistos com desconfiança, mesmo sob o risco de ser enganada por algum. Não tenha qualquer inibição de demonstrar seus sentimentos e sua sensibilidade. Quando estiver alegre, sorria. Quando sentir vontade, chore, e quando quiser amar, ame. Porém, quando quiser odiar, substitua pelo perdão. O coração deve estar sempre puro e aberto a receber coisas boas. Você é amada assim, pelo seu jeito simples, alegre e grande por dentro.

E você Fábio, continue como é. Sempre pronto a ouvir e opinar, com amigos e crianças. Respeitoso e atencioso com os velhos e fracos. Cheio de esperanças.

Lembre-se de que, também, ao homem é dado o privilégio de demonstrar seus sentimentos.

E que seja sempre um amigo e um exemplo para a Pat.

Viagem

Aproveitava aquela manhã para caminhar sobre a grama e respirar o ar puro que vinha das montanhas. Refletia sobre o que fora vivido e o que lhe fora dito por pessoas que o ajudavam a conduzir seu destino. Realmente, não deixava de ter razão a observação de seu auxiliar. Seu comportamento era extremamente humilde, o que, por vezes, trazia-lhe aborrecimentos. Por muito menos ter, ser e poder, outros lhe tomaram a dianteira. Estava disposto, a partir daquele momento, a tomar atitudes mais esnobes e prepotentes para que fosse visto na posição que deveria ocupar. Nesse momento, o Sol se apaga ou seus olhos não veem. É empurrado pelo vento forte ou tonteia. Ouve trovões fortes ou o som vem de sua mente. É-lhe tirada a vida ou desmaia. Não sabe por aonde andou, o que fez, nem por quanto tempo.

Quando retoma o domínio de sua mente, está suspenso num abismo e seguro pelas mãos de um desconhecido que, lentamente, sem demonstrar qualquer esforço, ergue-o e o coloca a salvo. Sua pulsação é normal, não tem, nem teve medo. Está despido e não tem vergonha. Ao sentir que o desconhecido começa a afastar-se, tenta segurá-lo. Perguntas mil, sem que existissem respostas. Como se desse uma única passada, vai ao outro lado do abismo. De lá, ao longe, como se estivesse do seu lado, escuta o sussurro “Você entenderá

e quando assim for, poderá retornar.” Não percebe que ele anda, mas sente que se afasta, paulatinamente, até já não ser mais visível. Passam-se dias e noites e ele começa a ver e ouvir coisas. Animais que falam, árvores que andam e vozes trazidas pelo vento. E ora e purifica-se. E não vê diferenças entre brancos, negros, pobres, ricos, homens, mulheres e homossexuais. Levanta-se e brada:

- Eu sou especial! Quase todos podem ser. O destino pode e deve ser mudado para melhor. Fui à morte e dela fui tirado para uma nova vida que, certamente, já não mais me pertence. Se tivesse caído do despenhadeiro, teria completado meu ciclo de vida. E não seria mais nada. Fui agraciado com reinício sem ir. E, quantas vezes, foram-me dadas oportunidades e, às vezes, nem percebi. Pertenço-me, sem pertencer. Sou instrumento de ajuda e de mudança.

Compreendeu que lhe podem ser dadas oportunidades várias e ter anos e anos para compreender, ou apenas um segundo. Que a poucos é dado o privilégio de saber. E deve-se viver como se fosse já morrer.

Fez-se silêncio. Pesaram-lhe as pálpebras. E ele acordou sobre a grama em que passeava. Passou a mão pelo rosto e sentiu que a barba estava crescida de dias. Foi-lhe dado a conhecer e era senhor de direcionar seu destino para aonde quisesse.

Escotismo

QUE MÃE

não gostaria de ter um filho que fosse...

QUE CIDADÃO

não gostaria que seu povo fosse...

QUEM

não gostaria de ter um amigo que fosse:

Honesto, leal, consciente de seus deveres e obrigações;
que amasse a sua pátria e desse até a vida por ela se necessário,
mas que, antes de tudo, lutasse pela paz;
que respeitasse a natureza e dela tirasse benefícios, procurando
modificá-la o mínimo possível;
que jamais maltratasse um animal;
que, em suas relações de amizade, fosse sempre sincero e
procurasse sempre ajudar e aconselhar os amigos e, principal-
mente, nos momentos difíceis, fizesse-se presente;
que soubesse respeitar os idosos, fosse carinhoso e tratasse
com dignidade os menos favorecidos;
que jamais fizesse distinção de pessoas, decorrente de raça,
credo, classe ou ideologia política;
que procurasse socorrer sempre os desamparados e soubesse

agir com tranquilidade nos momentos de desespero;
que não perdesse a esperança e não se entristecesse nos momentos de dificuldades;
que soubesse obedecer e seguir instruções, mas que também estivesse preparado para liderar e tomar as decisões em determinados momentos;
que tratasse com respeito e dignidade, ouvisse e refletisse sobre as opiniões dos que lhe fossem subordinados;
que soubesse admirar e valorizar a arte, não se envergonhasse de expressar seus sentimentos e, sobretudo, soubesse amar pessoas;
que fosse amigo confiável, sem risco de trair;
que, mesmo nas disputas, fosse leal e companheiro;
que por sua mente só passassem coisas boas e fosse limpo de corpo e alma;
que criança ou adolescente não gostaria de aprender a ser tudo isso de forma alegre e participando ativamente nas discussões, com direito a voz, tomando ele mesmo a sua decisão? E, ainda, de ser ouvido sem receios de críticas, orientado e incentivado na busca da criatividade e valorização? E quando ele, orgulhosamente, recebe o seu lenço e faz a sua promessa, já é um grande começo!

PROMESSA ESCOTEIRA

Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para:

- Cumprir meus deveres para com Deus e a minha Pátria;
- Ajudar ao próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer a Lei Escoteira.

LEI ESCOTEIRA

- 01** - Na honra de um Escoteiro deve-se confiar.
- 02** - Um Escoteiro é leal.
- 03** - O dever de um Escoteiro é ser útil e ajudar o próximo.
- 04** - Um Escoteiro é amigo de todos e irmão de todos os outros Escoteiros.
- 05** - Um Escoteiro é cortês.
- 06** - Um Escoteiro é amigo dos animais.
- 07** - Um Escoteiro obedece às ordens de seus pais, Monitor ou Chefe, sem discussão.
- 08** - Um Escoteiro sorri e assobia frente às dificuldades.
- 09** - Um Escoteiro é econômico.
- 10** - Um Escoteiro é limpo em pensamentos, palavras e ações.



Um Natal diferente

Aquele monte de cartões já subscritos, rasguei. Mandei apenas para os que realmente sentia vontade. Claro que esqueci de alguns amigos. Mas, se de fato forem amigos, me perdoarão.

Para o assombro dos romeiros, avisei que não iria ao show do padre Marcelo Rossi. Ia rezar diante do altar e em silêncio profundo, como nos tempos em que se buscava aproximação com Deus por outros modos. Fui olhada meio de lado e uma senhora até se benzeu, dizendo um “cruz-credo”, achando que eu tinha algum encosto. Engraçado que nem liguei.

Recusei-me a ajudar nas festanças e disse que estava predisposta a não comer peru, nozes, nem castanhas. Não dei a mínima aos comentários da minha cunhada de que era outra frescura minha e talvez uma desculpa para fugir ao trabalho.

Na noite, vou aparecer lá de Bíblia na mão, cantando Salmos ao Senhor, não ligando para os risos e caçoadas da garotada e até de um ou outro mais maduro. Afinal, a festa não é para comemorar o nascimento do Menino? Pelo menos até aqui, todos os anos em que participo da festa, nunca vi ninguém cantar parabéns para Ele e nem lembrar que a razão do encontro é Ele.

Certamente, que alguns me chamarão de doida e falarão ao

meu marido que já estou passando dos limites e que é hora de me internar. Meus filhos me olharão com assombro e até envergonhados. Aquela minha prima que sempre aparece cheia de badulaques e em salto alto vai me medir de cima a baixo e dará um risinho ao me ver de chinelos e em roupas do dia a dia. Eu, de meu lado, acharei que estou até ricamente vestida, pois não vou querer ostentar riqueza a quem nasceu numa manjedoura e querer ofuscar o brilho Dele.

Segurarão o que quiserem me dizer, diretamente, até que eu abra as enormes caixas que deixarei, na sala, sem permitir



que ninguém ouse abrir. Sei que farão apostas de que é isto ou aquilo, e que pelo tamanho e quantidade todo mundo será presenteado. Minha irmã irá aproveitar para ameaçar meu sobrinho levado de que, se ele não se comportar, a titia não vai lhe dar o presente que está na caixa para ele. Ele fará birra para receber logo e eu vou fazer de conta que não ouço.

Quando na porta da casa estiver formada aquela imensa fila de pedintes e maltrapilhos, eles vão querer me segurar à força, no momento em que eu sair com as caixas distribuindo presentes aos mendigos. Não acreditarão e me virarão a cara, quando perceberem que eu deixei o peru na mesa para comer pão com mortadela no meio de gente suja e sem trato.

Eu não estarei nem aí e, como uma maestrina, regerei uma orquestra de descompromissados, dirigindo canções aos céus para agradecer ao nascimento de um menino chamado Jesus.

Será que mendigos ainda sabem canções? Ah... não preciso me preocupar. Quem não souber, faz lá, lá, lá, lá...

O perfeccionista

No último Natal, devolveu o cartão musical recebido de uma amiga com um bilhete avisando que nem tivera tempo de ler a mensagem, pois, ao primeiro acorde, percebeu a desafinação do instrumento e fechou imediatamente.

Os filhos sempre bem arrumados, de botões contados e em espaçamentos corretos entre um e outro. Desprezava as roupas prontas e mandava fazê-las.

Um dia, por deslize da rapidez, ao pentear a filha, a mulher deixou mais cabelos numa maria-chiquinha do que na outra. Está certo que eram de oito a dez fios, mas foi notado pelo Anastélgico que, ante o olhar duvidoso da mulher, ameaçou contar fio por fio.

Numa reforma na casa (e até indiquei, para judiação e castigo, um pedreiro que me tinha feito sofrer), o mestre de obras se viu apurado. Vãos entre azulejos e cerâmicas não eram de qualquer jeito, como eles costumam fazer e a gente tem de engolir, não. Podia-se medir a casa toda, duvido e aposto que encontrassem algum azulejo com distanciamento de décimo de milímetro diferente. Sofreram gesseiros, marceneiros, pintores, serralheiros, encanadores, eletricitas. Sim, esses mesmos, que sempre levam a melhor com a gente. Dessa vez, viram-se em maus lençóis e muitos abandonaram a profissão, com um “Faz muito bem...” do nosso Anastélgico. Depois de pronta, primor de casa, embora o Anastélgico reclamasse do branco,

que não era lá muito branco, mas não era culpa do pintor e sim do fabricante, que não deixou de receber uma carta de reclamação, pedindo que o químico fosse mais atento.

Os filhos sofriam. Na mala, os livros arrumados sempre do maior para o menor, os sapatos com cadarços com as mesmas pontas... Até numa peraltagem, quando quebrou o vidro da casa do vizinho, o do meio apanhou pela travessura e mais ainda por ter acertado a pedra fora do centro.

A mulher... A gente sabe que é sempre das mulheres que os maridos exigem mais. E eu ficava a imaginar uma noite que fosse com a mulher do Anastélgico. Não com aquela coisa do pecado de desejar a mulher do próximo. Era mais curiosidade. Aquele instinto brasileiro de ver como é. E ficava a pensar nos sussurros cronometrados e “ais” em impostação e intensidade ideal. Como seria, meu Deus, a perfeição da união dos seres?

Mas, como não somos eternos, morreu o Anastélgico. Claro que não se encontrou caixão pronto que fosse perfeito. Encomendou-se com recomendações de simetria e até tamanhos dos pregos e marca do verniz. Arrumou-se o defunto com cuidado e até selecionaram a mesma altura de quem pegasse na alça do caixão para evitar desnível no transporte até a tumba.

Durante o cortejo fúnebre, ergue-se o morto. Corre-corre geral, e os mais corajosos asseguram que o finado Anastélgico só fez ajeitar um pé da meia e deitar-se novamente. Descobriu-se, depois, que o vizinho que ajudou a vestir o defunto tinha-lhe bronca pelo seu jeito e, de propósito, deixou uma meia mais para baixo do que a outra. Refeitos do susto, continuaram o funeral sem qualquer interferência.

Desceu o corpo e o Anastélgico chamou a atenção de um anjo que veio apanhar o espírito, porque estava com uma asa desaprumada... Bem, isso é para outra crônica que será escrita quando estivermos do lado de lá.

Glossário

- Abnegar** - Desinteresse, renúncia, desprendimento, devotamento.
- Abruptamente** - Subitamente, repentinamente.
- Adágio** - Provérbio, ditado popular.
- Alambrado** - Cerca de fios de arame.
- Alojar-se** - Hospedar-se, acampar, pousar.
- Altruísta** - Amor ao próximo, filantropia, desprendimento, abnegação.
- Avalista** - Pessoa que avaliza; que se responsabiliza diretamente pelo pagamento de um título cambial.
- Azucrinar** - Causar embaraço; importunação, aborrecimento.
- Badulaque** - Penduricalho, berloque, acessório estético de pouco valor.
- Birra** - Teimosia.
- Catar milho na Olivetti** - Teclar vagarosamente; datilografar lentamente em máquina antiga de marca Olivetti.
- Célere** - Veloz, ligeiro, rápido.
- Chacoalhar** - Importunar, amolar, chatear alguém.
- Cláusula de renúncia ao benefício de ordem na forma do artigo 828, do Código Civil** - O fiador renuncia ao direito de o credor executar primeiramente os bens do devedor (afiançado).
- Cobaia** - Qualquer animal ou pessoa que se submete, para fins científicos, a experiências semelhantes.
- Constituição Federal** - Conjunto das leis fundamentais que regem a vida de um país.
- Crédito** - Cessão de mercadoria; serviço ou importância em dinheiro, para pagamento futuro.
- Cronometrar** - Controlar o tempo.
- Débito** - Aquilo que se deve; dívida.
- Decrépitos** - Muito idosos ou muito enfraquecidos e desgastados fisicamente.
- Degringolar** - Descer precipitadamente de alto a baixo, rolar, cair em rápida decadência; arruinar-se.
- Detenção** - Prisão provisória.
- Eclodir** - Surgir, aparecer.
- Eletropaulo** - Distribuidora de energia elétrica para vários municípios do Estado de São Paulo, incluindo a Capital.

Embevecida - Extasiada, enlevada.
Encafiflar - Teimar, cismar.
Encosto - Espírito que está ao lado de um ser vivo para protegê-lo ou prejudicá-lo.
Espelunca - Caverna, antro, lugar escuro e imundo.
Enrascada - Cair em cilada, lograr, enganar.
Esculpir - Trabalhar (pedra, madeira, barro etc.), imprimindo-lhe uma forma particular; modelar.
Esdrúxulas - Embaraçosas, importunas, aborrecidas.
Esnobe - Sentimento de superioridade; respeito exagerado aos que têm grande prestígio ou alta posição social.
Expectativa - Esperança fundada em supostos direitos, probabilidades ou promessas.
Faniquito - Ataque de nervos sem importância nem gravidade; chique, fricote.
Flagrante - Ato ou fato que se observa e/ou comprova no momento em que ocorre.
Fonte fidedigna - Origem, procedência, digno de fé; merecedor de crédito.
Frustrado - Incompleto; que não atingiu o seu ideal, a sua ambição, o seu desejo.
Fuça - Cara, rosto.
Gotejar - Cair em gotas.
Grilagem - Sistema ou organização ou procedimento dos grileiros; indivíduos que se apossam de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade.
Impostação - Colocação e projeção da voz (pelo cantor, pelo ator).
Negligência - Desleixo, descuido, desatenção, menosprezo.
Partilha - Dividir em partes; repartir.
Partitura - Conjunto (escrito) das partes de cada voz ou instrumento que contribuem para uma peça musical sinfônica.
Paulatinamente - Feito aos poucos, lentamente, vagarosamente.
Pepinos mil - Vários problemas.
Percepção - Ato, efeito ou faculdade de perceber.
Periculosidade - Estado ou qualidade de perigoso; conjunto de circunstâncias que indicam a probabilidade de alguém praticar um crime.
Procrastinar - Transferir para outro dia, adiar, demorar, espaçar.
Ressarcir - Indenizar, compensar, reparar.
Restrita - Limitada.
Sabesp - Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo; presta serviços de água à população.
Simetria - Harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares.
Telefônica - Empresa espanhola de telecomunicações que presta serviços de telefonia no Brasil.
Tísica - Tuberculose pulmonar.
Vede (vedar) - Impedir, proibir, interditar.
Veredicto - Decisão proferida pelo júri, ou por outro qualquer tribunal judiciário; sentença.
Vislumbrar - Alumiar frouxamente; começar a surgir ou a aparecer, enxergar com um pouco de clareza uma situação ou algo.



Chegamos ao vigésimo ano do Grupo Projetos de Leitura que iniciou as suas atividades de incentivo à leitura em 1998, com o projeto Encontro com o Escritor. A partir daí vários projetos foram criados e desenvolvidas diversas atividades de incentivo à leitura com a proposta de desmistificar o slogan “brasileiro não gosta de ler” e contribuir para a formação de um Brasil Leitor. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar, entre outros, os projetos de leitura **Ler é Bom, Experimente!, Lendo na Escola, Leitura no Parque, Viajando na Leitura e Dose de Leitura.**

No projeto **Ler é Bom, Experimente!** são doados lotes de 38 a 114 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos e no final é publicado uma coletânea com os melhores textos produzidos pelos estudantes. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos e é realizado em terminais rodoviários de ônibus, aeroportos e estações do metrô, com a proposta que após a leitura o livro seja “esquecido” em outro local público.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes. São doados aos hospitais um carrinho expositor das obras e um lote de livros.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e ao público em geral, nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor e em parceria com as Secretarias de Educação, de Cultura e de Turismo dos municípios.

Obras do Autor



- Quinho
- Radar, o cãozinho
- Bia e a sua gatinha Pammy
- Quem sou eu
- Minha história
- Quinho e o seu cãozinho - Um cãozinho especial
- Quinho e o seu cãozinho - Novos amigos
- Quinho e o seu cãozinho - Férias na fazenda
- Quinho e o seu cãozinho - Acampamento escoteiro
- Nick e o passarinho falante
- Sofia - Ser solidário é dez
- Nick e Bia na Floresta Encantada
- Acontece... (impressão regular e em braile)
- Nos Bastidores do Cotidiano (impressão regular e em braile)
- Espião do mundo pela fechadura (impressão regular e em braile)
- Acredite se quiser! (impressão regular e em braile)
- Coisas de Homem & Coisas de Mulher

E-mail

laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



E-mail: contato@projetosdeleitura.com.br

(11) 2743-9491 – 2743-8400

WhatsApp: (11) 95272-9775

Facebook: facebook.com/projetosdeleitura

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.